

Volume 2  
2023

Coletânea  
**SABERES**  
*e Interligações*

uniatual  
EDITORA

Volume 2  
2023

Coletânea  
**SABERES**  
*e Interligações*

uniatual  
EDITORA

© 2023 – Uniatual Editora

[www.uniatual.com.br](http://www.uniatual.com.br)

universidadeatual@gmail.com

**Organizador**

Jader Luís da Silveira

**Editor Chefe:** Jader Luís da Silveira

**Editoração e Arte:** Resiane Paula da Silveira

**Capa:** Freepik/Uniatual

**Revisão:** Respectiveos autores dos artigos

**Conselho Editorial**

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C694s Coletânea Saberes e Interligações - Volume 2  
/ Jader Luís da Silveira (Organizador). – Formiga (MG): Uniatual Editora, 2023. 101 p.: il.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-86013-33-7  
DOI: 10.5281/zenodo.7618967

1. Coletânea. 2. Multidisciplinar. 3. Saberes. 4. Interligações. I. Silveira, Jader Luís da. II. Título.

CDD: 001.4  
CDU: 001

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Uniatual Editora  
CNPJ: 35.335.163/0001-00  
Telefone: +55 (37) 99855-6001  
[www.uniatual.com.br](http://www.uniatual.com.br)  
[universidadeatual@gmail.com](mailto:universidadeatual@gmail.com)  
Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:  
<https://www.uniatual.com.br/2023/02/coletanea-saberes-e-interligacoes.html>



**AUTORES**

**ARY WITTOR FREIRE MIRANDA ANGELIM AGRA  
AYSA MARINA VIEIRA DA SILVA  
CRISTHIANO CHARLES DE CASTRO BEZERRA FILHO  
DALLILA FREIRE DA COSTA AGRA  
ELISANDRO RAFAEL BAUMGARTEN  
ÉRICO TADEU XAVIER  
GLEICE DE SÁ AGRA  
HALANA CECÍLIA VIEIRA PEREIRA  
INÊS TREVISAN  
LAENA EVELYN GAIA DA SILVA  
MARLENE MENEZES DE SOUZA TEIXEIRA  
MAYARA SOUSA FERREIRA  
MIKAELLY NAGYLA DA SILVA SANTOS  
RITA DE CÁSSIA SOUZA DE ALBUQUERQUE  
SEBASTIÃO ELIAS MILANI  
YALLE FERREIRA ANGELIM**

## **APRESENTAÇÃO**

A obra “Coletânea Saberes e Interligações - Volume 2” foi concebida diante artigos científicos especialmente selecionados por pesquisadores da área.

Os conteúdos apresentam considerações pertinentes sobre os temas abordados diante o meio de pesquisa e/ou objeto de estudo. Desta forma, esta publicação tem como um dos objetivos, garantir a reunião e visibilidade destes conteúdos científicos por meio de um canal de comunicação preferível de muitos leitores.

Este e-book conta com trabalhos científicos interdisciplinares, aliados às temáticas das práticas ligadas a inovação, bem como os aspectos que buscam contabilizar com as contribuições de diversos autores. É possível verificar a utilização das metodologias de pesquisa aplicadas, assim como uma variedade de objetos de estudo.

## SUMÁRIO

<b>Capítulo 1</b> <b>HEURÍSTICA E MATEMÁTICA: UMA ABORDAGEM NA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DA MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA</b> <i>Elisandro Rafael Baumgarten</i>	<b>8</b>
<b>Capítulo 2</b> <b>A ASSISTÊNCIA NO ÂMBITO DA SAÚDE À VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: CUIDADO DE ENFERMAGEM A GESTANTE VIOLENTADA</b> <i>Aysa Marina Vieira da Silva; Ary Wittor Freire Miranda Angelim Agra; Cristhiano Charles de Castro Bezerra Filho; Dallila Freire da Costa Agra; Yalle Ferreira Angelim; Halana Cecília Vieira Pereira; Marlene Menezes de Souza Teixeira; Gleice de Sá Agra</i>	<b>20</b>
<b>Capítulo 3</b> <b>A IMPLEMENTAÇÃO DE PRÁTICA DO SISTEMA ABO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM</b> <i>Laena Evelyn Gaia da Silva; Rita de Cássia Souza de Albuquerque; Inês Trevisan</i>	<b>36</b>
<b>Capítulo 4</b> <b>AS HISTÓRIAS DA COLONIZAÇÃO DE GOIÁS E DO TOCANTINS</b> <i>Sebastião Elias Milani</i>	<b>47</b>
<b>Capítulo 5</b> <b>PENTECOSTALISMO: ORIGEM E INFLUÊNCIA NO BRASIL E NO CONTINENTE LATINO-AMERICANO</b> <i>Érico Tadeu Xavier</i>	<b>61</b>
<b>Capítulo 6</b> <b>FOTOGRAFIAS E MEMÓRIAS: O TESTEMUNHO OCULAR DE CRISTINO VARÃO EM PICOS-PI</b> <i>Mikaelly Nagyla da Silva Santos; Mayara Sousa Ferreira</i>	<b>80</b>
<b>AUTORES</b>	<b>96</b>

**Capítulo 1**  
**HEURÍSTICA E MATEMÁTICA: UMA ABORDAGEM NA**  
**APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DA MATEMÁTICA NA**  
**EDUCAÇÃO BÁSICA**  
**Elisandro Rafael Baumgarten**



# HEURÍSTICA E MATEMÁTICA: UMA ABORDAGEM NA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DA MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

**Elisandro Rafael Baumgarten**

*Professor de matemática na Escola Estadual de Ensino Médio Castelo Branco (Três de Maio-RS), cursando Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional - Universidade Federal da Fronteira Sul, elisandrorafaelb@gmail.com.*

**Resumo:** O presente artigo relata a análise da presença da heurística como “ciência” no processo de ensino e aprendizagem da matemática na educação básica e a sua relação com os métodos da Resolução de Problemas (POLYA, 2006) e Modelagem Matemática na Educação (Modelação Matemática) (BIEMBENGUT, 2016). Observa-se que, apesar de despercebido tanto pelo professor quanto pelo aluno, o pensamento heurístico está presente e auxilia na execução das atividades em sala de aula. A análise do tema fica em torno do pressuposto de que o professor não mais ocupa a posição de detentor do conhecimento (na sala de aula) e passa a atuar como ente dialógico e orientador do aprendiz, postura que exige a elaboração de estratégias motivadoras para o desenvolvimento do conhecimento significativo pelo aluno baseadas na problematização dos temas no contexto social e histórico-cultural do aluno. Outro ponto que se destaca sobre a heurística, além da sua influência teórica, é a sua presença no ambiente físico da sala de aula, na (re)estruturação do layout, onde a mesma se posiciona de forma a minimizar o formato tradicional e alavancar uma nova organização do espaço, tornando o aluno como (co)criador do conhecimento de forma mais participativa e dialógica. Por fim, são elencadas algumas dificuldades relacionadas à mudança do layout da sala de aula, que exige grande comprometimento do aluno. A metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica qualitativa.

**Palavras-chave:** Heurística. Métodos Matemáticos. Resolução de Problema. Diálogo.

**Abstract:** This article reports the analysis of the presence of heuristics as “a science” in the process of teaching and learning mathematics in basic education and its relationship with the methods of Problem Solving (POLYA, 2006) and Mathematical Modeling in Education (Mathematical Modeling) (BIEMBENGUT, 2016). It is observed that, despite being unnoticed by both the teacher and the student, heuristic thinking is present and helps in the execution of activities in the classroom. The theme analysis revolves around the assumption that the teacher no longer occupies the position of holder of knowledge (in the classroom) and starts to act as a dialogical entity and learning guide, a posture that requires the elaboration of motivating strategies for the development of meaningful knowledge by the student based on the problematization of themes in the social and historical-cultural context of the student. Another point that stands out about the heuristic, in addition to its theoretical influence, is its presence in

the physical environment of the classroom, in the (re)structuring of the layout, where it is positioned in order to minimize the traditional format and leverage a new organization of the space, making the student a (co)creator of knowledge in a more participatory and dialogical way. Finally, some difficulties related to changing the layout of the classroom are listed, which requires great commitment from the student. The methodology used to carry out this work was qualitative bibliographical research.

**Keywords:** Heuristics, Mathematical Methods, Problem Solving, Dialogue.

## INTRODUÇÃO

As práticas docentes evoluíram consideravelmente a partir da chegada da tendência pedagógica crítico-social dos conteúdos no Brasil. Percebe-se, desde então, várias tentativas de (re)adequação do layout da sala de aula tradicional, onde os alunos sentam-se em fila, de costas uns para os outros, para que se organizem em formato de círculo ou de “U”, dessa forma, todos podem se ver de frente e se sentirem (mais) protagonistas na sala de aula.

A evolução da educação no Brasil apresenta relevante mudança a partir da instituição da nova constituição, em 1988, iniciando um período de transição da educação tecnicista para a progressista, tendo ampla mudança com a chegada do século XXI, momento em que as legislações que estruturam e orientam a educação tomam novos moldes juntamente com a disseminação das tecnologias da informação e comunicação e dos centros de ensino superior para formação de professores no interior do país.

Sendo assim, chama-se a atenção para a mudança na forma do trabalho docente em decorrência do fácil e amplo acesso à informação. Nesta mudança o professor deixa de ser o centro do conhecimento na sala de aula e passa a atuar como ente dialógico e orientador do aprendizado, elaborando estratégias que motivam o desenvolvimento do conhecimento significativo pelo aluno baseadas na problematização dos temas no contexto social e histórico-cultural do aluno.

Nesse meio observa-se que a maior ação é para que o conhecimento não permaneça limitado à sala de aula ou à disciplina. O trabalho através de projetos interdisciplinares estimula o relacionamento entre as diversas disciplinas da grade curricular e gera um ambiente de aprendizagem onde o conhecimento deixa de ser abstrato e isolado. Esse tipo de atividade necessita de planejamento, diálogo e heurística.

A heurística, abordada por Polya (2006, p. 99; 1994, p. 86) como responsável pelo “estudo dos métodos e regras da descoberta e da invenção”, embora despercebida e quase esquecida atualmente, é característica de muitos métodos matemáticos utilizados em sala de aula, permitindo trabalhar a matemática de modo a despertar o interesse dos alunos tornando-os parte do processo da descoberta do conhecimento.

Dessa forma, objetiva-se compreender o que é a heurística e elencar alguns dos seus pressupostos e a sua relação com os métodos para o ensino da matemática na educação básica em meio à busca pela aprendizagem significativa, sua presença no diálogo professor-aluno e no layout da sala de aula como incentivo à socialização e desenvolvimento da exteriorização do saber.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A heurística apresenta relação direta com a resolução de problemas apresentada por Polya, embora seja possível identificar a sua presença em todas as atividades que seguem um raciocínio organizado em busca de uma solução ou que necessite questionamentos sobre a situação-problema (CHAVES; NETO, 2017).

Os métodos heurísticos compreendem desde questionamentos simples que exijam a investigação através do raciocínio lógico, até procedimentos sequenciais, como é o caso da modelagem matemática, onde cada etapa e subetapa deste método pode ser considerada como método heurístico assim como toda a estrutura do método. Essa abordagem concorda com o que diz Martínez (2000, tradução nossa), “uma estrutura heurística é uma coleção de procedimentos heurísticos e algorítmicos funcionalmente relacionados, organizados de maneira hierárquica em torno da tarefa de resolver um determinado tipo de problema”.<sup>1</sup>

Sendo assim, compreende-se que a heurística está presente a partir do momento em que o aluno se depara com uma situação-problema a ser resolvida e levanta questionamentos sobre possíveis meios de resolvê-la fazendo, ou não, o uso do raciocínio lógico. Quando este tipo de raciocínio não se faz presente, o aluno soluciona a situação-problema de forma superficial, pela intuição, como aponta

---

<sup>1</sup> “una estructura heurística es una colección de procedimientos heurísticos y algorítmicos funcionalmente relacionados y organizados de manera jerárquica alrededor de la tarea de resolver un cierto tipo de problema”.

Gigerenzer (2007, apud ASTORGA, 2011, tradução nossa), ao dizer que “a inteligência muitas vezes não depende (...) do pensamento consciente”<sup>2</sup>, ou seja, a inteligência (heurística) está indiretamente presente.

Neste ponto, cabe ao professor, através do diálogo, questionar o aluno com o objetivo de recordar conhecimentos correlatos à situação-problema proposta ou sobre situações similares já vivenciadas e orientar na busca da sua resolução. Conforme Polya (2006, p. 3), “há dois objetivos que o professor pode ter em vista ao dirigir a seus alunos uma indagação ou uma sugestão (...): primeiro, auxiliá-lo a resolver o problema que lhe é apresentado; segundo, desenvolver no estudante a capacidade de resolver futuros problemas por si próprio.”

Ao realizar uma atividade objetivando a aprendizagem significativa, dois métodos utilizados que seguem um raciocínio estruturado, constituindo-se da heurística, como ferramenta para a (co)criação do conhecimento pelo aluno são a Resolução de Problemas e a Modelagem Matemática. Nesta ótica o psicólogo Puchkin aborda a heurística como:

[...] uma atividade psíquica que, ao auxiliar sua solução (numa situação problemática), elabora uma nova estratégia que se mostra como algo inédito. Assim, uma primeira aproximação no que se refere à heurística para Puchkin (1969) seria um conjunto de técnicas destinado a resolver o problema de solucionar problemas. Esta se vincula às faculdades operacionais do pensamento criador científico. (1969, apud CHAVES; NEVES, 2017).

Dessa forma, observa-se que o tradicionalismo de ensinar somente a matemática seguindo o roteiro do livro didático de forma expositiva, com alguns exemplos de aplicação, não mais supre as necessidades da escola atual. É necessário trabalhar métodos matemáticos e compreensão de procedimentos algorítmicos, para que a matemática não continue sendo uma ciência abstrata e sem significado, mas algo útil e aplicável.

### **Modelagem matemática na educação - modelação**

Um método de ampla abrangência e impacto no ensino e aprendizagem da matemática é a modelagem matemática adaptada para a educação, abordada como “modelação” pela pesquisadora Biembengut (2016). Este método pode ser utilizado

---

<sup>2</sup> “la inteligencia con frecuencia no se apoya (...) en el pensamiento consciente”.

em qualquer momento da educação básica, sendo necessário somente a adaptação da situação-problema ao nível do aluno. Conforme define Bassanezi (2015, p. 15) a “modelagem matemática é um processo de criação de modelos em que estão definidas as estratégias de ação do indivíduo sobre a realidade [...], carregada de interpretações e subjetividades próprias de cada modelador.”

A modelagem pode ocorrer de várias formas: algébrica, gráfica, geométrica, etc. Em todas essas formas encontra-se presente uma estrutura organizada de resolução da situação-problema em três etapas básicas da modelação matemática: Percepção e apreensão, compreensão e explicitação e significação e expressão. (BIEMBENGUT, 2016).

Na primeira etapa o aluno compreenderá a situação-problema, através do diálogo, da leitura, pesquisa e extração de dados. Na segunda etapa ocorre a interpretação matemática da situação-problema em busca de uma solução enquanto que, na última etapa ocorre a verificação do modelo, podendo o mesmo ser válido ou não, e o seu compartilhamento com o grupo. (BIEMBENGUT, 2016).

### **A resolução de problemas de polya**

A técnica de Resolução de Problemas proposta por Polya (2006), consiste de quatro etapas: (1) compreensão do problema, (2) estabelecimento de um plano, (3) execução do plano e (4) retrospecto.

Dessa forma fica definido um algoritmo para a resolução de qualquer problema que leva em consideração o conhecimento prévio do aluno, buscando realizar conexões com problemas semelhantes que os alunos já resolveram. Uma consequência desse método é a compreensão (por indução) de que todos os problemas são diferentes entre si e ao mesmo tempo apresentam alguma correlação ou confluências que servem de base para a resolução de outros problemas.

Conforme aborda Polya (2006, p. 13), “Um dos primeiros deveres do professor é não dar aos seus alunos a impressão de que os problemas matemáticos têm pouca relação uns com os outros, de que nenhuma relação têm com qualquer coisa.”

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O tipo de pesquisa adotada para a realização deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica, em meios digitais e impressos (livros e revistas), que “[...] se desenvolve tentando explicar um problema, utilizando o conhecimento disponível a partir das teorias publicadas em livros ou obras congêneres [...]. O objetivo [...] é analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema [...]” (KÖCHE, 2006, p. 122). A abordagem deu-se de forma qualitativa, que busca compreender um fenômeno através de descrições, comparações, interpretações e atribuição de significados.

No primeiro momento busca-se compreender e elencar algumas definições e características da heurística para, posteriormente, abordar a sua presença dentro dos métodos matemáticos de Resolução de Problemas de Polya e da Modelagem Matemática na Educação (Modelação Matemática), abordada por Biembengut.

## RESULTADOS E ANÁLISES

A teoria do psicólogo estadunidense David Ausubel sobre a aprendizagem significativa defende a necessidade de ser considerado o conhecimento prévio que o aluno possui, muitas vezes empírico, sendo necessário um ambiente que desperte o interesse para aprender e atribuir um significado ao “novo” conhecimento. Quando o aluno encontra uma significação para o que aprendeu, o conhecimento fica armazenado a longo prazo no cérebro e, mesmo que não seja utilizado por um período, quando for necessário relembra-lo logo virá à tona, sem consideráveis perdas. (TAVARES, 2008).

Sendo assim, a heurística pode influenciar em uma mudança na forma do pensar ensino-aprendizagem. No ensino, entende-se que devem ter menos ênfase os métodos tradicionais e verticais de ensino. Na aprendizagem, espera-se que o aluno consiga desenvolver o raciocínio lógico e algorítmico na busca do conhecimento e na resolução de situações-problema.

A busca pela aprendizagem significativa, sob a proposta de Ausubel, tende a ocorrer a partir do momento em que o professor e os alunos levam para o ambiente escolar, o pensar heurístico com o objetivo de resolver as situações-problema abordadas, que tendem a possuir maior significatividade quando extraídas do contexto

histórico-social do aluno. Uma vez realizado o delineamento da situação-problema os alunos, orientados (ou não) pelo professor, tomarão partida para a identificação e formulação das heurísticas que serão responsáveis para chegar ao resultado esperado. Tais heurísticas são características dos diversos métodos matemáticos e lógicos conhecidos para a resolução de situações-problema.

O pensar heurístico torna-se de grande importância para o desenvolvimento cognitivo do aluno como indivíduo em formação, pois esta forma de pensar, ao estar vinculada ao pensamento crítico, desenvolve-o, torna-se caminho para a busca da resolução de situações-problema de qualquer disciplina de forma lógica. Além disso fortalece a relação entre os entes envolvidos no processo de forma cooperativa. Tal cooperação entre os alunos é abordada sob a análise da teoria piagetiana sendo

(...) simétricas; portanto regidas pela reciprocidade. São relações constituintes, que pedem, pois, mútuos acordos entre os participantes, uma vez que as regras não são dadas de antemão. Somente com a cooperação o desenvolvimento intelectual e moral pode ocorrer, pois exige que os sujeitos descentrem a fim de compreender o ponto de vista alheio. (...) as relações entre crianças promovem a cooperação, justamente por se configurarem como relações a ser constituídas entre seres iguais. (TAILLE, 2019, p. 91).

Relaciona-se, no Quadro 1, as etapas dos dois métodos matemáticos abordados e a presença da heurística juntamente com a principal característica que cada etapa possui em comum. Dessa forma, observa-se que, embora os dois métodos possuam objetivos diferentes e momentos de aplicação distintos, é possível identificar uma correlação entre ambos através da heurística, que destaca a característica principal de cada etapa dos métodos.

**Quadro 1:** Correlação entre as etapas da resolução de problemas de Polya e modelagem matemática através da heurística.

<b>Resolução de Problemas</b>	<b>Modelagem Matemática (modelação)</b>	<b>Heurística</b>	<b>Característica em Comum da Etapa</b>
Compreensão do problema	Percepção e apreensão	Observação e exploração da situação-problema	Compreensão do problema e identificação dos dados e variáveis.
Estabelecimento de um plano	Compreensão e Explicitação	Experimentação, questionamentos e correlações	Estabelecer o procedimento para a resolução do problema (modelagem/modelação)
Execução do plano			
Retrospecto	Significação e Expressão	Verificação e generalização. Exteriorização do saber adquirido.	Validação e exposição do(s) resultado(s) obtido(s).

Fonte: O autor (2022).

A heurística contempla um conjunto de métodos teórico-práticos que influencia, além de um trabalho intelectual, no ambiente físico da sala de aula. Dessa forma, o layout tradicional em formato de filas pode ser alterado para o formato de círculo ou de “U”, onde todos os alunos conseguem se ver de frente como protagonistas do ensino-aprendizado.

Este tipo de estruturação do ambiente físico da sala de aula faz com que o professor seja descentralizado como fonte absoluta do conhecimento, e os alunos, ao se verem todos dentro da sala de aula, tendem a proceder com uma interação cooperativa entre eles na discussão do tema proposto. Embora este tipo de organização exija maior comprometimento dos alunos, uma vez que estarão lado a lado, podendo gerar distrações alheias ao estudo, permite um ambiente de aprendizagem cooperativa que, segundo Arends:

(...) caracteriza-se, em parte, pelas suas estruturas de tarefas, de objetivos e recompensas, requerendo a cooperação e interdependência entre alunos. Assim, estes são encorajados a trabalhar em conjunto numa tarefa comum, tendo que se orientar, chegar a consenso, enfim, esforçar-se de modo a concluírem a tarefa com sucesso (2008, apud TEIXEIRA; REIS, 2012).

As modificações do ambiente da sala de aula podem sofrer influência do trabalho heurístico enquanto este se relaciona com o desenvolvimento cognitivo



construtivista dos alunos. Toda ação que gera questionamento e necessidade de analisar um problema exige uma estrutura física compatível, para trabalhos em grupos ou individuais, apontando que a necessidade do diálogo é imprescindível para o levantamento de dúvidas para a busca de uma aprendizagem significativa em um ambiente heurístico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O embasamento realizado sobre o tema heurística enquanto ciência da descoberta e da invenção ressalta a importância e compreensão da necessidade de transformar cada vez mais o ensino e aprendizagem abstratos da matemática para um ensino aplicado e de aprendizagem significativa. Observa-se que, ao ser dada ênfase na criação e descoberta do conhecimento, o interesse do aluno tende a aumentar pois, na fase da construção do indivíduo, a busca pelo trabalho colaborativo entre os alunos e professores define o nível da motivação da criança e adolescente em seguir para a graduação e a pesquisa.

Estimular o trabalho por projetos interdisciplinares na escola proporciona para cada disciplina a correlação dos seus próprios conteúdos, sendo relevante compreender que, embora o aluno não perceba que os conteúdos da disciplina de matemática possuam essa correlação, eles apresentam-se de forma sequencial e complementar, sendo o trabalho heurístico um fator responsável por essa percepção.

Embora existam limitações para o trabalho interdisciplinar e alterações no layout da sala de aula, como o tempo, a dedicação e o foco do aluno e a falta de recursos didáticos, compreende-se que cada vez mais a prática do ensino está se horizontalizando e o professor tende desempenhar um trabalho de mediador entre o conhecimento e aluno. As informações cada vez mais acessíveis no meio digital necessitam ser transformadas em conhecimento, cabe ao professor auxiliar os estudantes nessa importante tarefa.

## REFERÊNCIAS

ARENDS, R. I. Aprender a ensinar. 7. ed. Lisboa: McGraw-Hill, 2008. In: TEIXEIRA, M. T.; REIS, M. F. **A organização do espaço em sala de aula e as suas implicações na aprendizagem cooperativa**. Meta: Avaliação, 2012, v. 4, n. 11, p.

162-187. DOI: <http://dx.doi.org/10.22347/2175-2753v4i11.138>. Disponível em: <<https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/138/pdf>>. Acesso em: 16 de ago. de 2022.

ASTORGA, M. L. Heuísticos y racionalidad: ¿la ignorancia beneficia a los estudiantes en algún sentido. **Educación em revista**, Curitiba, n. 41, p. 215-229, set. 2011. Ed. EFPR. Disponível em; <<https://www.scielo.br/pdf/er/n41/14.pdf>>. Acesso em: 15 de ago. de 2022.

BASSANEZI, R. C. **Modelagem matemática**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2015.

BIEMBENGUT, M. S. **Modelagem matemática na educação matemática e na ciência**. São Paulo: Livraria da Física, 2016.

CHAVES, V. D.; NEVES, M. R. **Heurística e matemática**: possibilidades para o ensino. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 70. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GIGERENZER, G. Gut feelings: the intelligence of the unconscious. Londres: Penguin, 2007. In: ASTORGA, M. L. **Heuísticos y racionalidad**: ¿la ignorancia beneficia a los estudiantes en algún sentido. **Educación em revista**, Curitiba, n. 41, p. 215-229, set. 2011. Ed. EFPR. Disponível em; <<https://www.scielo.br/pdf/er/n41/14.pdf>>. Acesso em: 15 de ago. de 2022.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos da Metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2011.

MARTÍNEZ, S. F. El concepto de heurística: de las explicaciones en las ciencias naturales a la epistemología. In: GÓMEZ, V. A. (Coord.). **El concepto de heurística en las ciencias y las humanidades**. México: Siglo Veintiuno Editores, 2000, p. 38-57.

POLYA, G. **A arte de resolver problemas**. Tradução de Heitor Lisboa de Araújo. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.

\_\_\_\_\_. **A arte de resolver problemas**: um novo aspecto do método matemático. Tradução e adaptação de Heitor Lisboa de Araújo. Rio de Janeiro: Interciência, 1994.

PUCHKIN, V. N. Heurística: a ciência do pensamento criador. Rio de Janeiro: Zahar, 1969. In: CHAVES, V. D.; NEVES, M. R. **Heurística e matemática**: possibilidades para o ensino. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

TAILLE, Y. L.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, E. **Piaget, Vigostski, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 2019.

TAVARES, R. **Aprendizagem significativa e o ensino de ciências**. Ciências & Cognição, 2008; v. 13 (1), p. 94-100. Disponível em:

<<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/687/464>>.  
Acesso em: 16 de ago. de 2022.

**Capítulo 2**  
**A ASSISTÊNCIA NO ÂMBITO DA SAÚDE À VÍTIMA DE**  
**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: CUIDADO DE ENFERMAGEM A**  
**GESTANTE VIOLENTADA**

**Aysa Marina Vieira da Silva**  
**Ary Wittor Freire Miranda Angelim Agra**  
**Cristhiano Charles de Castro Bezerra Filho**  
**Dallila Freire da Costa Agra**  
**Yalle Ferreira Angelim**  
**Halana Cecília Vieira Pereira**  
**Marlene Menezes de Souza Teixeira**  
**Gleice de Sá Agra**

## **A ASSISTÊNCIA NO ÂMBITO DA SAÚDE À VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: CUIDADO DE ENFERMAGEM A GESTANTE VIOLENTADA**

**Aysa Marina Vieira da Silva**

*Enfermeira, formada pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO), se especializando em UTI Neonatal e pediátrica pela Universidade Integrada (UNINTEGRAS). E-mail: [aysamarina01@gmail.com](mailto:aysamarina01@gmail.com)*

**Ary Wittor Freire Miranda Angelim Agra**

*Enfermeiro na Estratégia de Saúde da Família, Unidade de Saúde do Arapuá, formado pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO), especialista em UTI e Atenção Primária com Ênfase na Estratégia Saúde da Família.*

*E-mail: [agraary16@outlook.com](mailto:agraary16@outlook.com)*

**Cristhiano Charles de Castro Bezerra Filho**

*Acadêmico de medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: [cristhianodecastro@outlook.com](mailto:cristhianodecastro@outlook.com)*

**Dallila Freire da Costa Agra**

*Médica na Estratégia de Saúde da Família, Unidade Doutor João Moreira, formada pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), pós graduanda em Nutrologia pela IPEMED. E-mail: [dallilaagra27@gmail.com](mailto:dallilaagra27@gmail.com)*

**Yalle Ferreira Angelim**

*Médica na Estratégia de Saúde da Família, posto de Saúde Catarina De Sa Barreto Dum, formada pela Faculdade de Medicina Estácio (FMJ).*

*E-mail: [yalleang@hotmail.com](mailto:yalleang@hotmail.com)*

**Halana Cecília Vieira Pereira**

*Enfermeira, docente do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO), e Faculdade de Medicina Estácio FMJ, mestre em Ciências da Educação.*

*E-mail: [halanacecilia6@gmail.com](mailto:halanacecilia6@gmail.com)*

**Marlene Menezes de Souza Teixeira**

*Enfermeira e pedagoga, docente do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO), membro avaliadora da Revista Interfaces: Saúde humana e tecnologia da UNILEÃO, membro efetivo da Universidade Regional do Cariri, doutorado em Educação em Ciências: química da vida e saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: [marlamteixeira97@yahoo.com](mailto:marlamteixeira97@yahoo.com)*

**Gleice de Sá Agra**

*Docente do curso de graduação em Enfermagem da Faculdade Soberana, formada pela Fundação de Ensino Superior de Olinda (FUNESO), especialista em Auditoria em Sistemas de Saúde, especialista em Neonatologia e Pediatria. E-mail: [gleice.agra@yahoo.com.br](mailto:gleice.agra@yahoo.com.br)*

**RESUMO**

**INTRODUÇÃO:** A violência doméstica intersecciona qualquer ato que prejudique o bem-estar da vítima, seja no contexto público ou privado, imputando danos físico, sexual e/ou psicológico à vítima, a qual, majoritariamente, vitimiza o corpo social feminino, sobretudo por expressar raízes culturais e históricas do Brasil. Assim, esses casos tornam-se ainda mais preocupantes quando a vítima está em período gestacional, uma vez que, por causas das alterações “fisiobiológicas”, a mulher torna-se mais vulnerável, além de que as consequências dessas agressões afetam o binômio mãe-filho, podendo, até, induzir a morte de ambos. Nessa perspectiva, o enfermeiro, por trabalhar na Estratégia de Saúde da Família, a qual permite maior integração individual com os pacientes, deve estar implicado a acolher essas vítimas, especialmente nesse período, promovendo, assim, um ambiente receptivo e um atendimento integral. **OBJETIVO:** Este estudo objetiva analisar a conduta do Enfermeiro na Estratégia de Saúde da Família na assistência às gestantes vítimas de violência doméstica. **METODOLOGIA:** Baseia-se em um estudo do tipo exploratório, descritivo e com abordagem qualitativa. A composição populacional da pesquisa foi de enfermeiros que assistem gestantes na Estratégia de Saúde da Família no município de Juazeiro do Norte – Ceará. Para a coleta de dados, utilizou-se uma entrevista semiestruturada, os dados foram interpretados a partir da análise das falas dos entrevistados. **RESULTADOS:** A partir da análise dos dados, evidenciou-se que a experiência profissional, o uso da Sistematização da Assistência de Enfermagem, o emprego de exames físicos e a qualificação profissional para o desenvolvimento de um atendimento humanizado, acolhedor e seguro são basilares para o auxílio na identificação dessas vítimas. Isso porque, é evidente que existe resistência das vítimas em relatar suas situações de violência, em adição à deficiência de capacitação profissional, o que pode contribuir para a manutenção dessa situação. **CONCLUSÃO:** Portanto, essa pesquisa apresenta o intuito de conscientização dos profissionais de saúde e da sociedade sobre esses casos para, em face disso, possibilitar um novo

futuro para gestantes nessa situação, a partir da libertação do ciclo de violência doméstica.

**Palavras-chave:** Violência Doméstica. Gestantes. Saúde Pública. Enfermagem.

## **ABSTRACT**

**INTRODUCTION:** Domestic violence intersects any act that harms the well-being of the victim, whether in the public or private context, attributing physical, sexual and/or psychological damage to the victim, which, mostly, victimizes the female social body, especially for expressing cultural and historical roots of Brazil. Thus, these cases become even more worrying when the victim is in the gestational period, since, due to the “physiobiological” changes, the woman becomes more vulnerable, in addition to the fact that the consequences of these aggressions affect the binomial mother-infant. son, and may even lead to the death of both. In this perspective, the nurse, working in the Family Health Strategy, which allows greater individual integration with patients, must be involved in welcoming these victims, especially in this period, thus promoting a receptive environment and comprehensive care. **OBJECTIVE:** This study aims to analyze the behavior of nurses in the Family Health Strategy in assisting pregnant women who are victims of domestic violence. **METHODOLOGY:** It is based on an exploratory, descriptive study with a qualitative approach. The population composition of the research was of nurses who assist pregnant women in the Family Health Strategy in the city of Juazeiro do Norte - Ceará. For data collection, a semi-structured interview was used, the data were interpreted from the analysis of the interviewees' statements. **RESULTS:** From the data analysis, it was evidenced that the professional experience, the use of the Systematization of Nursing Assistance, the use of physical examinations and the professional qualification for the development of a humanized, welcoming and safe service are fundamental for the assistance in identifying these victims. This is because, it is clear that there is resistance from victims to report their situations of violence, in addition to the lack of professional training, which can contribute to the maintenance of this situation. **CONCLUSION:** Therefore, this research aims to raise the awareness of health professionals and society about these cases in order to enable a new future for pregnant women in this situation, starting with the liberation of the cycle of domestic violence.

**Keywords:** Domestic Violence. Pregnant Women. Public Health. Nursing.

## **INTRODUÇÃO**

A violência doméstica compreende qualquer ato que prejudique o bem-estar da vítima, seja no contexto público ou privado, ocasionando danos físico, sexual ou psicológico à vítima. Nessa perspectiva, esse tipo de violência é um fenômeno social complexo e que, progressivamente, intensifica-se no Brasil, em que, majoritariamente, tem a mulher como principal vítima. Conforme dados do IBGE (2019), em um quantitativo de 29,1 milhões de indivíduos que sofreram algum nível de violência, calcula-se que 19,4% vitimados foram mulheres.

Outrossim, a violência doméstica deve ser compreendida enquanto um problema de saúde pública, uma vez que abrange consequências multidimensionais

para as vítimas e, por vezes, expressa as raízes culturais e históricas de um povo. Nessa perspectiva, não aleatoriamente, a maior parte dos casos desse tipo de violência tem o parceiro íntimo como agressor. Ainda nessa reflexão, segundo o IBGE (2019), o domicílio é a ambiência que apresenta maior incidência para esse tipo de agressão, o qual, a partir de companheiros, ex-companheiros ou parentes, vitimizam, principalmente, mulheres, seja agressão física (52,4%), seja agressão psicológica (53,3%). (REIS, *et al.* 2021)

Sob essa óptica, esses casos de violência tornam-se mais preocupantes quando abarca gestantes, porquanto, nesse período, a mulher está mais sensível, especialmente devido a alterações físicas e hormonais, e, em face disso, mais vulnerável. As consequências dessa situação podem impactar negativamente o binômio mãe-filho, podendo ocasionar, por exemplo, traumas no feto, hemorragia, descolamento prévio de placenta, parto prematuro e, até, aborto. Conforme pesquisa de Leite, *et al.* (2019), cerca de 35% das participantes sofreram ou sofrem em algum nível de violência doméstica durante a gestação; 16%, aproximadamente, das gestantes expuseram ser vítimas de agressões psicológicas; 6% sofreram violência física e 1,3% violência sexual durante a gravidez. (CAMPOS, *et al.* 2019).

Nesse contexto, o enfermeiro, por atuar na Estratégia de Saúde da Família - ESF, a qual possibilita maior integração comunitária e contato individual com os pacientes, deve estar implicado a promover uma ambiência acolhedora, segura e humana para, por exemplo, ser capaz de perceber e receber esses casos de violência. Dessa forma, na consulta de pré-natal, a exemplo, a gestante estará em constante contato com o enfermeiro, sendo possível, assim, identificar e acolher gestantes que estejam sofrendo esse tipo de agressão. (BONFIM, *et al.* 2010).

Infere-se, portanto, que o profissional da enfermagem, enquanto um agente do cuidado, pode contribuir para que, cada vez mais, casos de violência doméstica que vitimizam gestantes possam ser identificados e, sobretudo, assistidas nesse momento de extrema fragilidade, evitando, em face disso, mais consequências negativa para o binômio mãe-filho, no sentido coletivo e individual. Nesse sentido, essa pesquisa objetiva, por fim, analisar a conduta do enfermeiro na Estratégia de Saúde da Família na assistência às gestantes vítimas de violência doméstica.



## **METODOLOGIA**

O estudo foi do tipo exploratório, descritivo e com abordagem qualitativa, sendo realizado na cidade de Juazeiro do Norte – CE, que contém 82 Estratégia de Saúde da Família - ESF, de acordo com a Secretaria de Estado da Saúde do Ceará.

A pesquisa foi realizada entre os meses de fevereiro a junho de 2022, em que a coleta de dados ocorreu, especificadamente no mês de março desse ano.

A população da presente pesquisa é composta por 10 enfermeiros que prestam assistência a gestantes na ESF, a coleta de dados foi realizada através de uma entrevista semiestruturada, e os dados foram interpretados por meio de suas categorizações com base na análise das falas dos participantes.

O estudo foi iniciado após a anuência da Secretária Municipal de Saúde de Juazeiro do Norte. No Brasil, os aspectos éticos estão regulados pelas diretrizes e normas de pesquisa em seres humanos, através da resolução Nº 466 de 12 de maio de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, e a pesquisa respeitou rigorosamente todos esses aspectos.

Os benefícios dessa pesquisa se referem tanto para os profissionais de saúde quanto para os acadêmicos de enfermagem, os quais terão os seus conhecimentos enriquecidos acerca da importância de se ter um olhar crítico para melhor e mais rapidamente identificar os casos de violência doméstica para, assim, prestar uma assistência de qualidade as vítimas dessa violência. Ademais, toda população, sobretudo as mulheres, são agraciadas com o estudo, pois podem ter suas humanidades respeitadas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

De acordo com Amarijo, *et al.* (2020), o enfermeiro é o profissional que constitui a linha de frente da Estratégia de Saúde da Família, é ele a porta de entrada a qual presta serviço e acolhe a mulher vítima de violência doméstica. Diante disso, torna-se imprescindível que esse profissional seja capacitado para atendê-la, pois a violência é um problema de saúde pública que abrange constantes reflexões e ações que devem ser desenvolvidas com o intuito de promover a autonomia da mulher, devendo ser estudadas e colocadas em práticas medidas de combate e erradicação dessa violência.

A capacitação dos profissionais de enfermagem para atuarem no combate contra a violência doméstica mostra-se relevante também na detecção precoce da

violência psicológica, que em muitos casos é a pioneira no ciclo de violência, pois vem silenciosa, antecedendo um episódio de violência física. Através da busca por melhorar-se, o enfermeiro dispõe de uma ausculta e abordagem bem implicada, usando métodos para descobrir se a mulher está sofrendo algum tipo de violência, acolhendo-a e tornando o ambiente mais seguro (SALIMENA, *et al.* 2014).

Após a análise dos dados, sobre o perfil sociodemográfico e profissional dos participantes desse estudo, verificou-se que os componentes do grupo se caracterizaram por terem idade entre 18 e 48 anos, onde 80% dos entrevistados eram do sexo feminino. Relacionado ao tempo de trabalho dos profissionais enfermeiros a variação situa-se entre seis meses e 25 anos.

Na entrevista foi abordado sobre o atendimento de violência doméstica, onde 70% dos participantes responderam que tinham acompanhado casos. Em relação a especialização dos profissionais para acolher a gestante vítima de violência doméstica, a maioria dos profissionais (80%) enfatizam não possuírem nenhuma capacitação, enquanto 20% dos enfermeiros tinham cursos de capacitação, o que denota um preparo maior frente a esses casos. Diante disso, nota-se uma escassez no preparo da maioria dos profissionais no atendimento as gestantes agredidas.

Ao observar os dados da entrevista, é nítido perceber que os profissionais com maior tempo de trabalho são os que mais relataram terem prestado assistência a gestantes que sofreram algum tipo de violência doméstica. Partindo desse pressuposto, pode-se admitir que o tempo de trabalho traz uma maior experiência, o qual auxilia na investigação e conduta voltadas para a vítima.

A capacitação dos profissionais de enfermagem para atuarem no combate contra a violência doméstica mostra-se relevante, também na detecção precoce da violência psicológica que em muitos casos é a pioneira no ciclo de violência, pois apresenta-se silenciosa e na maioria das vezes antecedendo um episódio de violência física. Através da capacitação o enfermeiro dispõe de uma abordagem qualificada, identificando a violência com maior facilidade e a amparando para que a mesma se sinta mais segura (SALIMENA *et al.*, 2014).

### **Identificação da violência doméstica durante as consultas**

Na entrevista com os enfermeiros, ao serem questionados se eles conseguiam identificar, com facilidade, a violência doméstica durante as consultas de pré-natal e como realizavam essa identificação, obteve-se as seguintes respostas:

*“Sim. Primeiramente vêm os aspectos físicos, observar se tem sinais de agressões no exame físico completo, céfalo-caudal, para identificar algum hematoma, algum sinal de violência física. O segundo aspecto seriam os psicológicos da mulher que durante a consulta ela pode relatar, ou então, observar se ela tem algum sinal de depressão...” (E1)*

*“Sim. Ao longo do diálogo dela, da maneira dela conversar, de relatar sobre ela e o parceiro. Você percebe a paciente fugindo para não falar sobre o parceiro, principalmente quando a gente está em consulta com gestante...” (E2)*

*“Não seria com facilidade. É uma coisa que a gente teria que observar continuamente durante os atendimentos, a gente sempre observa aquilo que existe por trás das palavras, né?... Posso, durante o exame físico, observar se existe presença de alguma lesão, e no caso da violência psicológica, a gente poderia identificar através de uma abordagem mais aprofundada com a gestante, por isso que no pré-natal a gente tenta abordar as questões psicossociais...” (E5)*

*“Não. É complicado porque a gente tem que avaliar a situação como um todo... Através do diálogo, as vezes elas chegam muito abatida na consulta, com a enfermagem elas sempre tem maior abertura para conversar, sabe? Então as vezes, você a nota diferente e triste, aí você vai conversando com ela.” (E9)*

Diante dos trechos citados da entrevista, pode-se perceber que muitos enfermeiros encontram dificuldades em identificar quando uma mulher e/ou gestante sofre violência doméstica, isso reforça mais uma vez a importância da capacitação do profissional de saúde para atender a essa demanda. Alguns pontos durante as falas dos entrevistados são de suma importância para ajudar na identificação das possíveis vítimas, entre esses pontos destacam-se a anamnese, que é realizada através do diálogo e de uma escuta qualificada com a paciente, e o exame físico que é bastante relevante para investigar se a mulher está sofrendo violência física.

Segundo Oliveira *et al.* (2015), a violência doméstica é um problema global de saúde pública, que traz inúmeras complicações para a mulher. Esses fatores se agravam principalmente quando ela se encontra gestante. Diante dessas implicações que danificam a saúde física e psicológica da vítima, torna-se importante a identificação de fatores que podem diminuir ou agravar os riscos de persistência do ciclo da violência. O enfermeiro é o profissional que está diretamente ligado a essa mulher, pois através do acolhimento nas consultas ele pode conseguir identificar algum sinal de agressão e intervir aconselhando e prestando assistência.

Em decorrência dos agravos causados pelos episódios de violência as vítimas são induzidas a procurarem os serviços de saúde. Diante disso, o profissional da

saúde torna-se uma figura importante no rastreamento desses casos, pois é ele quem estar na linha de frente o qual recebe essa mulher, acolhendo-a e prestando todos os cuidados necessários para se ter um atendimento qualificado. É importante que o enfermeiro realize um atendimento integral e humanizado, observando os sinais e sintomas apresentados, elencando as possíveis descobertas para identificar o caso de violência (LIMA *et al.*, 2020).

### **Desafios encontrados na assistência a gestante vítima de violência doméstica**

Quando indagados sobre os desafios encontrados durante a assistência à gestante vítima de violência doméstica, foram obtidos os seguintes resultados, distribuídos nas falas a seguir:

*“acredito que a dificuldade está na falta de fluxograma de como deveria abordar essa mulher, de como prosseguir com o caso.” (E1)*

*“o que dificulta é o medo que elas sentem de relatarem, de se abrirem, elas se abrem pouco.” (E2)*

*“a paciente não tinha autonomia de chegar e de falar, porque o parceiro estava sempre lá e não davam essa abertura... outra coisa que dificulta é o medo que essas mulheres têm de denunciar, e nosso também, pois temos que saber em que território estamos pisando, de não saber como vamos ficar após a denúncia.” (E3)*

*“os desafios são inúmeros porque você não tem uma rede de apoio estruturada para que você possa garantir a segurança e assistência dessa mulher...” (E4)*

*“O desafio é realmente a gestante se abrir, pois não é algo fácil, de se dizer, né? As vezes envolve filhos, envolve um vínculo que torna a mulher dependente financeiramente do parceiro, né?...” (E5)*

*“... A dificuldade é a falta de integralidade da rede, pois você não sabe quais são os serviços disponíveis para atender aquela população e nem como esses serviços funcionam, e a gente nunca tem um retorno desses serviços. Encaminho a paciente, mas não tenho uma informação de lá para saber o que sucedeu e isso gera um impasse, pois fica descontinuado o cuidado...” (E7)*

Ao serem analisadas as falas dos enfermeiros, pode-se notar que um grande desafio para identificação de violência contra as gestantes está relacionado ao medo que essas mulheres sentem de relatarem que sofrem violência. O medo advém de vários fatores, entre eles, o fato delas serem ameaçadas e se sentirem dependentes de seus companheiros seja por causa dos filhos ou até mesmo financeiramente. Esse

medo irradia até aos profissionais de saúde, por não se acharem seguros para darem continuidade ao caso. Em muitas situações, a denúncia não ocorre, pelo fato de que tanto a vítima quanto o enfermeiro temem ao que pode acontecer com eles após essa denúncia.

Outra dificuldade encontrada por esses enfermeiros está relacionada a falta de fluxograma, já que eles não foram capacitados e nem orientados a como proceder com o caso. Isso torna, mais uma vez, relevante a importância da qualificação do profissional de saúde para a abordagem sobre a violência doméstica, pois ao se sentirem inseguros e não terem uma base de como lidar com a vítima, a consulta deixa um pouco a desejar, tornando-se incompleta. Outro gritante desafio é a falta de integralidade da rede, que em muitas ESFs encontra-se escassa. Precisa-se de uma rede de apoio para acolher essa vítima, com isso, é de suma importância que os profissionais estejam interligados em prol desses casos e que haja uma comunicação entre a equipe. É essencial, ao encaminhar a mulher para outros setores, que haja um retorno desses serviços e de como o caso sucedeu para que o enfermeiro possa dar continuidade ao cuidado.

Embora alguns enfermeiros tenham relatado sobre a falta de uma rede de apoio, existem dois espaços - a título de exemplo - no município de Juazeiro do Norte-Ceará, voltados para atender as mulheres e/ou gestantes que sofrem violência doméstica. O Hospital Maternidade São Lucas, localizado no bairro São Miguel, dispõe de serviços de acolhimento e tratamento para mulheres que sofreram violência sexual. Outro serviço inaugurado no dia 08 de março de 2022 foi a Casa da Mulher Cearense, localizada no bairro São José, que conta com uma série de serviços de apoio, acolhimento e proteção à mulher em situação de violência. As vítimas recebem acolhimento de uma equipe multidisciplinar, que inclui assistentes sociais e psicólogas, no atendimento integrado aos órgãos da justiça. O equipamento tem atuação na promoção da autonomia econômica, além do mais a equipe é formada por mulheres treinadas para prestarem uma assistência humanizada.

Conforme Nascimento *et al.* (2019), a assistência voltada para a gestante vítima de violência doméstica é uma questão complexa, porém que se limita devido aos desafios encontrados. Um desses fatores desafiantes é a falta de entendimento quanto a abordagem do atendimento, pois muitos profissionais não possuem a destreza do conhecimento no combate à violência, onde a observação realizada se restringe apenas a constatação de agressões físicas, não conseguindo se aprofundar

para identificar se está havendo outros tipos de violência. Além disso, a investigação torna-se fragmentada pelo próprio silêncio da vítima, pois ela teme as consequências que possa sofrer após realizar a denúncia. Muitas vezes, por sentir-se sozinha e/ou sofrer ameaças, a vítima tenta ocultar informações e quando percebe que o enfermeiro está suspeitando de alguma violência, ela hesita em frequentar a Unidade Básica de Saúde - UBS.

Além da dificuldade que o profissional enfrenta no manejo com a paciente, existe outro desafio encontrado por alguns enfermeiros, que é a falta de uma rede de apoio, carência na equipe multiprofissional, da falta de encaminhamento, e continuidade do cuidado, deixa-os “de mãos atadas”. Com isso, surge o medo de envolver-se nesse tipo de caso, por se sentirem sozinhos e desprotegidos, achando que podem se tornar alvos do agressor (SANTANA, 2019).

### **Estratégias para identificação da violência doméstica**

Em determinado ponto da entrevista os participantes foram questionados quanto as estratégias utilizadas para a identificação das ocorrências de violência e se eles realizavam a notificação, perante o exposto foram relatadas as seguintes respostas:

*“Inicialmente o exame físico completo e posteriormente através de conversas... e deixá-la confiante para que ela possa expressar o que está sentindo, até ela chegar ao ponto que se sinta à vontade em relatar que está sofrendo violência... Como eu não tive nenhum caso eu nunca notifiquei, mas se tiver tem que ser notificado. Existe até lei obrigando a notificação.” (E1)*

*“... A gente tenta estabelecer o vínculo e perguntar a ela se está tudo bem... quando a gente faz a nossa anamnese, que faz parte do processo de enfermagem, tem a parte da entrevista que é muito importante. Sobre a notificação, quando a gestante revela que sofre violência doméstica, quando ela está disposta a se submeter a denúncia eu notifico...” (E4)*

*“... Seria as próprias ferramentas que a gente possui no atendimento, que seria a anamnese, o exame físico, o acolhimento, e a escuta qualificada... Como eu não identifiquei nenhum caso ainda, eu não notifiquei, mas a gente já sabe que precisa fazer a notificação dos casos de violência.” (E5)*

*“... É mais na consulta que a gente identifica, que é através do exame físico que a gente identifica a gestante machucada. Também através da conversa e da observação... Não, eu não notifico.” (E9)*

*“... Se for uma violência física eu consigo identificar pelo exame físico, observando o corpo, as marcas que são deixadas no corpo da mulher,*

*mas se for os outros tipos de violência, tipo verbal, moral, psicológica, patrimonial, essas identifico através da entrevista... Não notifico, pois aqui onde trabalho não tem ficha de notificação, eu já solicitei, mas nunca recebi.” (E7)*

Após a análise dos resultados, constata-se que as estratégias utilizadas para a identificação da violência se concretizam através de uma anamnese bem desenvolvida, de uma escuta qualificada, de uma conversa com a paciente, deixando-a confiante e acolhida para que ela se sinta segura ao relatar seus anseios e ao fim conseguir confirmar os episódios de violências sofridos. Outra ferramenta utilizada pelos enfermeiros para a investigação da violência é o exame físico, através dele pode-se analisar a paciente, observando os sinais e sintomas clínicos que ela possa apresentar.

No caso de uma violência física, podem ser encontrados hematomas, manchas, edemas, entre outros sinais, até mesmo de agressões sexuais que são identificados por meio do exame físico. Outro argumento relevante mencionado nas falas é a notificação dos casos de violência doméstica, embora alguns enfermeiros relatem que não realizam essa notificação, é importante salientar que a notificação deve ser realizada pelo profissional de saúde, pois a lei 10.778/03, conhecida como a lei de notificação compulsória de violência doméstica, estabelece que deve ser realizada a comunicação no território nacional do caso de abuso vivenciado contra a mulher que for atendida em serviços de saúde pública ou privada.

A abordagem das mulheres que são vítimas de violência doméstica deve estar inserida no tratamento que envolve a ética profissional e respeito a essa vítima. O acolhimento é uma estratégia primordial, pois ele consiste em um projeto terapêutico, o qual cria um vínculo entre o enfermeiro e a paciente. Nesse momento em que a mulher se sente frágil é essencial que o profissional promova uma consulta holística e humanizada, escutando os anseios da vítima, aconselhando e sanando todas as dúvidas possíveis. Após esse momento acolhedor o enfermeiro deve realizar uma anamnese qualificada, de forma respeitosa, adentrando no assunto sem julgamentos, transmitindo segurança e confiança e, através disso, a mulher irá aos poucos relatando o que está sofrendo em seu lar, facilitando o cuidado continuado (GOMES; OLIVEIRA, 2020).

A consulta de enfermagem representa uma oportunidade ideal para o rastreamento e identificação dos casos de violência doméstica, principalmente quando

a mulher está gestante, pois no pré-natal ela retorna com mais frequência a UBS, criando assim um vínculo com o profissional. As estratégias de identificação das agressões são realizadas através da assistência de enfermagem, que podem ser desenvolvidas pelo acolhimento qualificado, o qual deixará a mulher confiante para “confidencializar” sua vivência para o enfermeiro. É fundamental que o enfermeiro da Estratégia Saúde da Família, juntamente com sua equipe, esteja inserido na comunidade, pois conhecendo sua área de trabalho torna-se fácil a busca por casos de violência (MARQUES *et al.*, 2017).

### **A conduta do enfermeiro frente aos casos de violência doméstica**

Na entrevista foram inquiridos aos participantes sobre a conduta deles quando há identificação de violência contra a gestante, em seguida foram obtidas essas respostas:

*“Primeiramente eu acionaria as autoridades responsáveis, né? Que são as autoridades policiais, e posteriormente eu buscaria tentar procurar realizar um trabalho multiprofissional. Acionar a equipe do núcleo de apoio a saúde da família, os assistentes sociais, buscar contato com os Agentes comunitários de saúde que conhecem mais a área, enfim acionar outros profissionais.” (E1)*

*“... eu faço a evolução, converso com a assistente social, tento ir juntamente com a assistente a casa da paciente e de lá quem decide o restante é a assistente social, geralmente ela encaminha para o Centro de Referência e Assistência Social, faz a denúncia e encaminha para lá.” (E2)*

*“Conversar com essa mulher, perguntar a ela se ela iria querer ir atrás dos direitos dela, que elas têm de proteção, a gente podia estar acionando aí o serviço social, encaminhar para a assistente social e para o psicólogo para ver mesmo uma rede de apoio para essa mulher.” (E10)*

*“Se for gestante menor de idade eu encaminho para a assistente social e para o conselho tutelar, se for uma mulher maior de idade eu encaminho para o Centro de referência em assistência social, se for uma ameaça de violência, né? Mas se já for um direito já violado, eu encaminho para o centro de referência especializado de assistência social. E orientação e acolhimento sempre para essa mulher.” (E7)*

*“A primeira conduta é a conversa, a gente precisa ter muito cuidado em como abordar, por isso que é importante você ter uma habilidade de comunicação... A gente também recomenda uma conversa com a assistente social, explica para ela que aquilo é um tipo de violência, que é importante ela fazer a denúncia e que existem serviços de apoio a mulher em situação de violência.” (E5)*



Através da análise dos resultados, nota-se que a conduta do enfermeiro é de suma relevância, pois é através dela que irá promover uma solução para a situação da vítima. Alguns entrevistados relataram que o acolhimento e a conversa com a mulher são essenciais para que ela possa confessar que sofre violência, tornando assim o enfermeiro respaldado para realizar a notificação e a denúncia. Outra conduta relatada por eles é o encaminhamento para outros profissionais, para que possa ter uma continuidade da consulta. Mais uma vez reforça-se a ideia de que a equipe deve estar interligada para fornecer uma rede de apoio estrutura para a mulher e/ou gestante vítima de violência doméstica.

A conduta do enfermeiro deve estar voltada ao acolhimento humanizado, como também dispor de uma esculta qualificada, para que a vítima se sinta emocionalmente acolhida e segura. As ações de enfrentamento a violência, além da denúncia e notificação, devem ser pautadas em ações que auxiliem essas mulheres a lidarem com o cotidiano pós-denúncia. É de suma importância que haja um fortalecimento da rede multiprofissional em prol do atendimento a essa paciente, o encaminhamento aos órgãos sociais e de segurança é indispensável para que haja uma estabilidade emocional e proteção para essas vítimas (FARIAS, 2021).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A violência doméstica é um fenômeno extremamente preocupante e perigoso, sobretudo quando a vítima é uma gestante, haja vista que as condições físicas, psicológicas, hormonais e sociais contribuem para que essa mulher e, nesse caso, o binômio mãe-filho estejam amplamente vulneráveis. Além disso, essa situação torna-se ainda mais perigosa quando, seja por medo de represália por denunciar seu agressor, seja por dependência, seja por desconhecimento da superestrutura de acolhimento à vítima de violência doméstica, não há a identificação e, em face disso, a denúncia desses casos, o que permite a manutenção e, não raro, a materialização de consequências perigosas e, até letais para as vítimas envolvidas.

Portanto, nessa situação, o enfermeiro apresenta atuação de destaque para a identificação desses casos, porquanto, a partir de atendimentos do pré-natal, inicialmente mensal e progredindo para quinzenal, semanal e horas antes do parto, pode reconhecer e acolher potenciais gestantes em situação de violência doméstica. Nesse contexto, evidenciou-se que experiência profissional em ESF, utilização da Sistematização da Assistência de Enfermagem - SAE, utilização de exames físicos,

qualificação profissional para o desenvolvimento de um atendimento humanizado, acolhedor e seguro para essas vítimas contribuem para não somente identificação desses casos, mas, sobretudo, para a geração de uma possibilidade dessa gestante se libertar desse ciclo de violência e, em face disso, vivenciar o período gravídico de forma segura.

Destarte, essa pesquisa objetivou a ampliação do conhecimento sobre a temática violência doméstica no campo da gestação e, sobretudo, a conscientização dos profissionais de saúde e da sociedade sobre a primordialidade de uma atenção de saúde, a partir da ESF, que compreenda, acolha, cuide e instrua essas gestantes nessa situação de violação de direitos, para, por fim, direcioná-la para um novo futuro, o qual ela possa desfrutar de sua maternidade de forma protegida.

## REFERÊNCIAS

AMARIJO, C. L. *et al.* Violência doméstica contra a mulher na perspectiva dos quatro pilares da educação. **Journal of nursing and health**, v.10, n.1, 2020.

BONFIM, E. G. *et al.* Os registros profissionais do atendimento pré-natal e a inviabilidade da violência doméstica contra a mulher. **Escola Anna Nery revista de enfermagem**, Rio de Janeiro, v.14, n.1, p.97-104, 2010.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **DADOS ESTATÍSTICOS SOBRE VIOLÊNCIA**, Brasília, 2019.

BRASIL. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, **ATLAS DA VIOLÊNCIA**, Brasília, 2021.

BRASIL. Lei 10.778, de 24 de novembro de 2003. Dispõe sobre a lei de Notificação Compulsória de Violência Doméstica.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, **VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: ORIENTAÇÕES PARA A PRÁTICA EM SERVIÇO**, Brasília, 2002.

CAMPOS, L. M. *et al.* A violência conjugal expressa durante a gestação e puerpério: O discurso de mulheres. **REV MIN ENFERM**, Salvador, v.23, n.1, p.1-6, 2019.

FARIAS, H. P. S. **Saúde. Meio ambiente e tecnologia no cuidado interdisciplinar**, 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Epiteya, 2021.

GOMES, B. P. G.; OLIVEIRA, L. B. S. **Pesquisa em saúde e enfermagem: Inovação à ciência**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Epiteya, 2020.

LEITE, F. M. C. *et al.* Implicações para o feto e recém-nascido da violência durante a gestação: Revisão sistemática. **Revista online de pesquisa cuidado é fundamental**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p.533-439, 2019.

LIMA, J. C. V. *et al.* Rastreamento e encaminhamento de casos de violência contra a mulher por enfermeiras na estratégia saúde da família. **Cogitare enfermagem**. v.25, n.1, 2020.

MARQUES, S. S.; RIQUINHO, D. L.; SANTOS, M. C.; VIEIRA, L. B. Estratégias para identificação e enfrentamento de situação de violência por parceiro íntimo em mulheres gestantes. **Revista Gaúcha de enfermagem**, Porto Alegre, v.38, n.3, p.1-8, 2017.

NASCIMENTO, V. F. *et al.* Desafios no atendimento aos casos de violência doméstica contra a mulher em um município mato-grossense. **Arquivos de ciência da saúde da UNIPAR**, Umuarama, v.23, n.1, p.15-22, 2019.

OLIVEIRA, L. C. Q.; MACHADO, M. O. F.; STEFANELLO, J.; SPONHOLZ, F. A. G. Violência por parceiro íntimo na gestação: Identificação de mulheres vítimas de seus parceiros. **Revista gaúcha de enfermagem**, v.36, n.1, p.233-238, 2015.

REIS, L. N. *et al.* Violência doméstica e a relação com a inteligência executiva. **Ciência & cognição**, Sertãozinho, v.26, n.1, p.94-106, 2021.

SALIMENA, A. M. O. *et al.* O vivido da equipe de enfermagem frente à violência contra a gestante: dificuldades e possibilidades assistenciais. **Enfermagem Brasil**, Juiz de fora, v.13, n.1, 2014.

SANTANA, A. C. C. S. Desafios da atenção à violência doméstica pela equipe da estratégia de saúde da família. **Ciências biológicas e de saúde Unit**, Aracaju, v.5, n.3, p.215-220, 2019.

**Capítulo 3**  
**A IMPLEMENTAÇÃO DE PRÁTICA DO SISTEMA ABO NO**  
**PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

**Laena Evelyn Gaia da Silva**  
**Rita de Cássia Souza de Albuquerque**  
**Inês Trevisan**

## A IMPLEMENTAÇÃO DE PRÁTICA DO SISTEMA ABO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

**Laena Evelyn Gaia da Silva**

*Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Pará –  
UEPA,  
laenagaia@gmail.com*

**Rita de Cássia Souza de Albuquerque**

*Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Pará –  
UEPA,  
ritaalbuquerque133@gmail.com.*

**Inês Trevisan**

*Prof. Dra. do Departamento de Ciências Biológicas  
Universidade do Estado do Pará- UEPA,  
inesatm17@gmail.com.*

**RESUMO:** Nota-se que, no decorrer da formação docente, é importante colocar em prática as abordagens e conhecimentos aprendidos na universidade, desta maneira, o estágio supervisionado vêm proporcionar ao futuro docente uma maior vivência com a futura profissão. Sob esse ponto de vista, o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivenciada ao longo do estágio supervisionado numa escola pública, do Município de Tucuruí-PA. A metodologia pautada na abordagem qualitativa, com o enfoque em prática no ensino de Biologia, tendo utilizado o diário como instrumento de pesquisa, registrando as impressões dos alunos em relação às atividades. A partir dos resultados obtidos com os alunos, pode-se constatar aprendizagens conceituais, procedimentais e atitudinais, com destacando a importância da aula prática ao abordar o sistema ABO, pois estimula significativamente no aprendizado dos alunos e os tornam seres atuantes na obtenção de seus conhecimentos.

**Palavras chave:** Ensino de Biologia; Estágio Supervisionado; Aprendizado.

**ABSTRACT:** It is noted that, during teacher training, it is important to put into practice the approaches and knowledge learned at university, thus, the supervised internship comes to provide the future teacher a greater experience with the future profession. Under this point of view, the aim of this paper is to report on the experience encountered during the supervised internship in a public school in the Municipality of

Tucuruí, PA. The methodology is based on the qualitative approach, with a focus on practice in teaching Biology, having used the diary as a research tool, recording the impressions of students in relation to the activities. From the results obtained with the students, we can see conceptual, procedural and attitudinal learning, highlighting the importance of the practical class when addressing the ABO system, as it significantly stimulates student learning and makes them active beings in obtaining their knowledge.

**Keywords:** Biology Teaching; Supervised Internship; Learning.

## 1. INTRODUÇÃO

De acordo com Pimenta e Lima (2004, p.153), “o estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia a dia”. Considerando o ensino da biologia Baptista (2003), destaca a necessidade de o acadêmico dar um salto qualitativo, sair da condição de professor expositor para assumir uma postura pedagógica envolvendo a investigação.

O acadêmico ao adentrar na escola se depara com um ensino de biologia que segundo Barni (2010), se embasa na maioria das vezes na lógica da transmissão de informações pelo docente e uso do livro didático. Para a autora, a Genética, é uma das áreas da biologia que fica limitada ao uso do livro didático, dando pouca atenção a participação ativa do aluno no processo de aprendizagem. Silva (2020), destaca o ensino de genética na educação básica como sendo de fundamental relevância para que os estudantes sejam capazes de conhecer os conceitos genéticos relativos ao cotidiano, ressaltando a atribuição social da ciência e tecnologia na sociedade, em que a alfabetização tenha um papel nesse processo.

Pedroso e Amorim (2009) apontam que o sistema ABO é de fundamental importância em uma variedade de campos da ciência, entre eles a Genética. Todavia, nota-se a falta de apropriação dos conhecimentos científicos na temática, como por exemplo, no que diz respeito a termos como alelo, antígeno, anticorpo, entre outros (BARNI, 2010). Neste aspecto é indispensável que o professor se ponha no papel de identificar as debilidades na construção de conceitos no ensino de Genética, originado de suas ideias prévias, bem como possibilitar estratégias e situações de aprendizagem que contemplem a construção do conhecimento biológico (SILVEIRA, 2008).

Santos e Nascimento (2021), ressaltam que é importante sugerir novas

abordagens, como por exemplo, relativos aos conteúdos nos estudos de Ciências para viabilizar o desenvolvimento de habilidades. No procedimento de concepção de novos conhecimentos o conteúdo é uma vertente a ser considerada, ao questionarmos “o que o aluno deve saber?”, “o que se deve saber fazer?” e “como se deve ser?”, estamos tratando de aprendizagens de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, respectivamente (BOROCHOVICIUS; TORTELLA, 2014).

A partir dos percalços existentes relativos ao ensino e aprendizagem do ramo da genética, especificadamente do sistema ABO, em concordância com a falta de conhecimentos de termos básicos pelos estudantes, e por ser um conteúdo tratado de forma abstrata e conteudista, visou-se implementar na disciplina de estágio supervisionado IV, um plano de aula relacionado ao sistema ABO, (assunto do bimestre em questão), e ao mesmo tempo pesquisar: quais são as contribuições de uma aula prática envolvendo o sistema ABO para o ensino-aprendizagem. Desta forma, o foco principal é averiguar as contribuições relacionadas as aprendizagens conceituais, procedimentais e atitudinais referentes ao processo de ensino-aprendizagem do sistema ABO.

## **2. METODOLOGIA**

Este relato de experiência configura-se metodologicamente como uma pesquisa qualitativa, que de acordo com Cusati et al. (2021), pode também trabalhar com uma amostra pequena e tem na coleta de dados várias maneiras de proceder condizente com os diversos instrumentos, quais sejam grupos de discussão, entrevistas, documentos, observações sistemáticas, depoimentos escritos e orais. Para Gatti e André (2011) a pesquisa qualitativa passa a advogar através de uma nova perspectiva, o que não condiz com a neutralidade, além da integração de contextos e compreensão de significados nas dinâmicas histórico-relacionadas.

O relato traz atos reflexivos acerca das práticas de Biologia que foram desenvolvidas durante o estágio em uma turma do terceiro ano do ensino médio regular de uma escola pública do município de Tucuruí. O Estágio Supervisionado em Biologia é essencial no que se refere à formação de professores da área de Ciências Biológicas, pois constitui-se como um momento formativo com o objetivo de articular teorias e práticas no ensino de Biologia (QUALHO; VENTURI, 2021).

O método de descrição das vivências em sala, foi sendo construído em um tipo

de diário, no qual relatou-se os acontecimentos importantes até as anotações mais “simples”, porém com significado e contribuição para refletir. Para Araújo et al. (2013), o diário é usado para abordar os processos de análise do material empírico, as reflexões dos pesquisadores e as tomadas de conduta da pesquisa.

Os dados são analisados através de análise textual discursiva que de acordo com Moraes e Galiuzzi (2006), esta análise permeia entre duas formas de análise da pesquisa qualitativa, a de conteúdo e de discurso. O processo de análise de material empírico ocorreu por meio de unitarização em que se retirou do diário pequenas frases ou palavras significativas, que posteriormente foram agrupadas pelo significado de semelhança resultando na categorização, considerando o objetivo da pesquisa que busca as contribuições conceituais, procedimentais e atitudinais, observando as etapas de transformações do conhecimento dos alunos.

### **2.1. Sequência didática aplicada**

A sequência didática trabalhada foi realizada com uma turma do 3º em dois encontros com a turma sempre buscando manter um diálogo com os alunos com o intuito de situá-los sobre a finalidade da aula a fim de estimular, conduzir, contribuir e, sobretudo, obter as ideias iniciais dos alunos sobre o Sistema ABO.

Na primeira aula, inicialmente se estimulou um diálogo, por meio de perguntas envolvendo o cotidiano dos alunos, buscando sua compreensão relacionado ao sistema sanguíneo. Os estudantes, a princípio mostraram-se tímidos, porém no decorrer da aula foram tornando-se mais próximos das professoras-estagiárias devido ao diálogo estabelecido voltado ao Sistema ABO, por exemplo: “Vocês já viram o assunto em series anteriores?”, “Sabe seu tipo sanguíneo?”, “Quais tipos sanguíneos existentes?”, “O que é tipo sanguíneo?”, “O que seja transfusão sanguínea?” Entre outras perguntas. Embora a turma tenha se mostrado tímida, os alunos participaram com atribuição de respostas e também com perguntas, uma vez que houve condução para refletirem por meio do diálogo construtivo, dando continuidade houve aula expositiva dialogada e apresentação de pequenos vídeos sobre o Sistema ABO para introduzir os subtemas do assunto e discussão logo após. Na segunda aula fez-se uma recapitulação estabelecendo um novo diálogo envolvendo o Sistema ABO, sobre os tipos de sangues existentes, exames de identificação do tipo sanguíneo, transfusão sanguínea, doenças relacionadas ao sangue a fim de averiguar a compreensão dos alunos.



A finalização da sequência didática deu-se com a aplicação de uma prática didática denominada “Ação de dois antígenos”. Para o experimento foram utilizados materiais de fácil acesso como 2 pacotinhos de sucos com cores distintas representando os aglutinogênios A (roxo) e B (laranja), 8 copos plásticos transparentes indicando os vasos sanguíneos com água determinando o plasma. Com a turma organizada em duas equipes deu-se início à prática que envolveu a representação das misturas no copo com água. O tipo A é representado pelo suco roxo, tipo B é indicado pelo suco laranja, o tipo AB é representado pela mistura dos sucos roxo e laranja e tipo O é indicado pela inexistência de qualquer suco, foram feitas 8 amostras dos grupos sanguíneos sendo 2 de cada tipo sanguíneo, que foram distribuído uma amostra de cada tipo sanguíneo ali representado para cada equipe.

As equipes (X e Y), ficaram responsáveis por representar dois grupos sanguíneos diferentes, a X pelos tipos A e AB e Y pelos tipos B. As equipes refletiram e responderam a questionamentos, para em seguida, realizar a demonstração aos demais da sala envolvendo questionamentos como: “Para quem os grupos A e AB doa e receber sangue?” “Os grupos B e O doa e receber sangue de quais grupos sanguíneos?”. Com as amostras em mãos, realizavam transferência dos líquidos para discernir sobre se ocorreu a aglutinação do sangue ou não (caso alterasse a cor) e sem alteração na cor (não ocorreria aglutinação no sangue). O intuito da prática consistiu basicamente em estimular os alunos a contribuírem com suas opiniões, acerca do conteúdo e socializar seu aprendizado, podendo as estagiárias aprofundar e avaliar o conteúdo trabalhado.

A avaliação consistiu em uma atividade, envolvendo questões abertas e a prática desenvolvida pelos alunos. Essa avaliação contribuiu não somente para averiguar o desempenho dos alunos sobre os conteúdos conceituais, que foram computada como complementação de nota bimestral aceita pelo professor regente, mas também de exercitar a participação ativa dos alunos envolvendo conteúdos procedimentais.

### **3. DISCUSSÃO**

As informações aqui representadas pela Quadro 1, foram retiradas do diário das estagiárias, sendo categorizadas em conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, considerando os conhecimentos prévios e os expressados durante o processo pedagógico estabelecido.

**Quadro 1- Conhecimentos prévios e trabalhados**

CATEGORIA	PRÉVIOS	TRABALHADOS
<p>Conceitual</p>	<p>A1: Não sei o que é tipo sanguíneo.</p> <p>A2: Meu tipo sanguíneo é O+</p> <p>A3: Sei meu tipo sanguíneo, pois quando estava grávida fiz o teste para saber.</p> <p>A4: hemograma, exame responsável para saber o tipo sanguíneo.</p> <p>A5: os tipos são, A+, A-, B+, O+, O-, B-.</p>	<p>A1: Entendi porque o sangue O é doador universal e o sangue AB o receptor universal.</p> <p>A2: Esses nomes, hemácias, leucócitos, anticorpo, transfusão sanguínea, entendi.</p> <p>A3: Eu não fazia ideia que o Tipo A era tão raro no Brasil.</p>
<p>Procedimental</p>		<p>A2: No começo eu não tinha ideia que o sistema ABO estaria relacionado com os tipos sanguíneos, porém as estagiárias foram explicaram de forma simples e fácil de compreender.</p> <p>A4: Compreendi como funcionava a doação de sangue.</p> <p>A3: A prática do suco foi bem interessante, fez com que nós alunos entendesse melhor o assunto sem dizer que interagimos.</p>

Atitudinal		<p>A2: Achei ótimo poder dividir ideias e tirar dúvidas em equipe.</p> <p>A5: Achei super legal essa prática fez com que o nosso grupo discutisse sobre o tema.</p>
------------	--	---

Fonte: As autoras, 2022.

Segundo os conhecimentos preexistentes dos discentes, verificou-se que a maioria dos alunos tinham alguns conhecimentos a respeito do conteúdo, se referindo que sabiam por ter ouvido falar em noticiários, vivência pessoal ou com familiares, e alguns não sabiam do que se tratava. Para Miras (1999), a aproximação do conhecimento prévio dos estudantes dispõe aos docentes a oportunidade de formar quadro geral das formas conceituais conhecidas e desconhecidas, e ajuda o planejamento de ensino voltado a uma aprendizagem mais significativa.

No momento do vídeo foram apresentados alguns contratempos devido a qualidade do som ser baixa, isso dificultou a compreensão dos alunos a respeito dos conteúdos, e de certa forma tirou a concentração de alguns, assim ao longo da apresentação foi preciso pausar os vídeos e explicar para que eles compreendessem. Desta forma, o estagiário dispõe de desafios, imprevistos no fazer pedagógico que pode se tornar em oportunidade para desenvolver outros tipos de interação no meio escolar, explorar os momentos que se apresentam e desenvolver seu papel como futuro mediadora, com isto “[...] projetar e vivenciar experiências novas, que, bem planejadas e seguras, trarão como consequência para o estagiário um desempenho satisfatório na instituição que o acolheu” (BIANCHI et al., 2005, p. 1).

No último dia de regência, momento de aula expositiva dialogada com os alunos sobre o sistema ABO, foi observado pequena participação para responder as perguntas direcionadas no decorrer da aula, percebendo-se uma falta de interesse por partes de alguns alunos. Destarte, o docente tem de estar apto a conceber ações que ajudem a potencialização da aprendizagem dos alunos, solucionando as diversas situações que poderão acontecer no cotidiano, além de mediar entre a falta de recursos para dar suporte e auxiliar na explicação dos conteúdos (NASCIMENTO et al., 2015)

Algumas perguntas partiram dos alunos, como: “a pessoa que está com

hemorragia precisa de transfusão de sangue?”, “Qual o sangue mais raro no Brasil”. Enfatizando que no decorrer da aula os alunos começaram a sentir o interesse e curiosidade pelo conteúdo, e em relacionar o conteúdo com seu cotidiano. Os conteúdos conceituais referem-se ao condicionamento da aprendizagem de competências relacionada à construção de imagens, símbolos, ideias, representações, expressões, que permitam o educando organizar as realidades (POZO; CRESPO, 2009). A aula prática manteve a atenção dos alunos, envolvendo-os em diálogo que possibilitou a garantia da compreensão de conceitos (KRASILCHIK, 2011) com a mediação das estagiárias. Com a prática envolvendo o trabalho em equipe, foi possível analisar o entusiasmo e entusiasmo dos alunos ao responderem os questionamentos.

Krasilchik (2011) reconhece como funções das aulas práticas despertar e manter o interesse dos alunos; envolver os estudantes em investigações científicas; desenvolver a capacidade de resolver problemas; compreender conceitos básicos e suas habilidades.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante a pesquisa buscou-se atingir ao objetivo da questão problema: Quais as contribuições das aulas práticas envolvendo o Sistema ABO para o ensino aprendizagem? Deste modo, a implementação de práticas em sala de aula demonstrou impactos significativos ao que se refere à aprendizagem dos alunos, proporcionando um ensino mais ativo, dinâmico e tornando o aluno proativo.

Ao decorrer da atividade, foi possível observar que a prática possui grande capacidade de estimular e instigar o aprendizado, uma vez que esse aluno se torne um ser ativo e que busca caminhos para obtenção de conhecimentos. Oportuno pontuar a observação da necessidade de desenvolver práticas em sala, uma vez que esses alunos se envolvem na construção do seu próprio conhecimento, outro fator se situa na importância do papel do professor como mediador dos alunos e não somente ser visto como um professor tradicional e conteudista.

As limitações quanto professor estão relacionadas ao processo de mediar os alunos, de maneira que envolva a todos, sem exclusão. Além disso, estar em uma sala de aula dividindo-se entre o fornecedor do conhecimento, aquele que explica, reflete e instiga o aluno a participar, e o observador, na medida em que permite que o aluno seja protagonista e mostre na prática o que aprendeu, para que os alunos façam

parte do trabalho, é um desafio. Sendo assim, o presente trabalho sugere como trabalhos futuros, mais pesquisas no âmbito educacional voltados para que aprimore os conteúdos e reflita sobre a importância de práticas nas escolas.

## 5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L F S et al. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Revista Brasileira Pesquisa Saúde**, Espírito Santo: Vitória, p. 53-61, 2013.

BAPTISTA, Geilsa Costa Santos. A importância da reflexão sobre a prática de ensino para a formação docente inicial em ciências biológicas. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 5, p. 85-93, 2003.

BARNI, G. dos S. A importância e o sentido de estudar genética para estudantes do terceiro ano do ensino médio em uma escola da rede estadual de ensino em Gaspar (SC). **Universidade Regional de Blumenau**, 2010.

CUSATI, Iracema; SANTOS, Neide Elisa Portes dos; CUSATI, Raphael Campos. Metodologia qualitativa nas pesquisas em Educação: ensaio a partir dos estudos sobre formação e desenvolvimento profissional docente. **Conjecturas**, [S.L.], v. 21, n. 7, p. 335-351, 2021.

BOROCHOVICIUS, Eli; TORTELLA, Jussara Cristina Barboza. Aprendizagem Baseada em Problemas: um método de ensino-aprendizagem e suas práticas educativas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 22, p. 263-294, 2014.

DE JESUS SANTOS, Cristina; NASCIMENTO, Moisés Soares. **Os conteúdos escolares sob uma perspectiva conceitual, procedimental e atitudinal para fomentar o ensino de ciências**. Tecné, Episteme y Didaxis: TED, p. 2821-2827, 2021

GATTI, B. A.; ANDRÉ, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

KRASILCHICK, M. **Prática de ensino de biologia**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2011.

MIRAS, M. **Um ponto de partida para a aprendizagem de novos conteúdos. O construtivismo em sala de aula**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

MORAES, R; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciências e Educação**, v. 12, n. 1, p.117-128, 2006.

NASCIMENTO, M.S.B. et al. **Desafios à prática docente em Biologia: o que dizem os professores do ensino médio?** in: congresso nacional de educação, educere, 12, pucpr, 2015.

PEDROSO, C. V; AMORIM, M. A. L. Uso de uma atividade didática baseada em analogia para o ensino de genética: o que há de comum entre dois prédios iguais e cromossomos homólogos? **X Salão de Iniciação Científica** – PUCRS, Pag. 1618. 1620, 2009.

PIMENTA, S.G.; LIMA, M.S.L. **Estágio e Docência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

QUALHO, Vanessa Aparecida; VENTURI, Tiago. Articulação teoria e prática no estágio supervisionado remoto em biologia. **Revista de Ensino de Biologia da Sbenbio**, [S.L.], p. 474-491, 2021.

SEIXAS, Rita Helena Moreira *et al.* A formação de professores e os desafios de ensinar Ciências. **Thema**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 289-303, 2017.

SILVEIRA, L.F.S. **Uma contribuição para o ensino de genética**. Dissertação (Mestrado em Ciências e Matemática). Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

**Capítulo 4**  
**AS HISTÓRIAS DA COLONIZAÇÃO DE GOIÁS E DO**  
**TOCANTINS**  
**Sebastião Elias Milani**

## AS HISTÓRIAS DA COLONIZAÇÃO DE GOIÁS E DO TOCANTINS

**Sebastião Elias Milani**

*Ufg, Faculdade De Letras, Departamento De Língua Portuguesa. Email:*

*[Sebaselias37@Hotmail.Com](mailto:Sebaselias37@Hotmail.Com), Goiânia, Brasil.*

**Resumo:** A divisão do estado de Goiás não separou linguisticamente o território, porque não apagou a historiografia-linguística da formação do povo e da língua. Nesse trabalho se discorrerá, a partir dos dados do *AUFAGO - Acervo Audiovisual da Fala Goiana*, a respeito de como se formou a cultura da região fronteira de Goiás e do Tocantins. O *AUFAGO* foi construído nos anos de 2012, 2013 e 2014, por meio de entrevistas gravadas em oitenta cidades do estado de Goiás, com vistas a fazer principalmente o *ALINGO – Atlas Linguístico de Goiás* (Barra Livros, 2015). Na fronteira de Goiás foram selecionadas as cidades de São Miguel do Araguaia, Porangatu, São Domingos e Campos Belos pela localização topográfica. Nas entrevistas, quando era possível, pelo tempo e local da entrevista e o informante fosse conhecedor da história da cidade e da região, se deixava que ele contasse como reconhecia o desenvolvimento da região e da cidade e como ele participara desse movimento. A historiografia-linguística se interessa pelo modo como os indivíduos, sujeitos das transformações que a efervescência cultural faz acontecer, observaram e participaram disso tudo. Dois senhores entrevistados, dois homens em Porangatu, contaram como viveram os últimos 70 anos nessa localidade, como criaram os filhos, como participaram das transformações que essa localidade assimilou. Os resultados são que a língua tem as marcas do caldeirão de vozes humanas que por ali passaram, ficaram e partiram: uma mistura de traços fonéticos, lexicais e prosódicos das mais diversas origens brasileiras: nortista, nordestina, sudestina e sulista.

**Palavras-chave:** Goiás; Tocantins; Porangatu; Falar; Rodovias.

### Introdução

A diversidade lingüística acontece na superfície, nos níveis profundos as línguas são sempre iguais. Deve-se considerar como verdadeiro a descrição teórica da linguagem: a união de um plano de expressão com um plano de conteúdo. Desta feita, examinar a linguagem em níveis de análise, tanto para o plano de expressão, quanto para o plano de conteúdo, tornou-se lugar comum.

Nos níveis mais profundos, pode-se dizer que a linguagem é feita dos seres humanos, assim, não importa a sociedade, só existe uma forma de comunicação, um modo de manifestação das paixões: as línguas, à medida que se aceite a teoria de



Ferdinand de Saussure de que a linguagem é universal, a língua é social e a fala individual. Elas são sempre forma, construídas com substâncias psíquicas, emolduradas em matérias plásticas.

De acordo com Louis Trolle Hjelmslev, a substância do plano de conteúdo é o pensamento e a forma é a língua e substância do plano de expressão é a articulação e a forma é o fonema, que forma o signo, que forma o texto, tudo psíquico e totalmente solidário, portanto, individual. Não há um único ser humano que faça esse processo de outra maneira. Essa é uma teoria, mas se se tomar outra teoria, vai se chegar à mesma conclusão, de que ela seria válida para todos os seres humanos.

O plano de expressão é constituído pela forma ou pelas formas, a depender do critério de análise. Em primeiro lugar, os sentidos percebem o mundo como articulado. A audição atribui significado a todos os sons. A forma do plano de expressão é o local em que se processa a norma lingüística. Os níveis sigmático e fonemático são os que apresentam maior suscetibilidade à particularização. No nível sigmático, é o léxico e, no nível fonemático, são os pontos de articulação, esses níveis apresentam mais claramente a particularização e o perfil cultural de uma comunidade.

Quando se consideram esses índices para a realização lingüística, pode-se perceber o porquê de a maioria dos Atlas Linguísticos serem ou léxico-semânticos ou léxico-fonéticos. Nesses dois tipos mais comuns, busca-se demonstrar, além da norma lingüística vigente na comunidade em questão, a relação dela com outras normas da língua e também uma identidade lingüística para a realidade. Essas posições são sempre afetadas por questões metodológicas, de tal maneira, que se pode usar uma metodologia para incluir a comunidade de fala no conjunto das normas da língua ou para destacá-la do conjunto.

A língua se caracteriza de muitos modos, mas nesse artigo se deseja demonstrar a relação da norma falada por dois falantes homens da cidade de Porangatu. Ambos são integrantes da última faixa etária de coleta de dados do AUFAGO do LABOLINGGO. Seus nomes fictícios são Sr. João de Porangatu, 84 anos, e Sr. José de Porangatu, 74 anos. Ambos nasceram fora da localidade e imigraram para região com os pais ainda criança em busca de novos modos de vida. Não há distinção entre o que é Goiás e o que é Tocantins na fala desses senhores, Porangatu fica na divisa entre os estados, mas a divisa só foi demarcada em 1989.

O grande eixo das transformações foi e ainda é a rodovia Federal BR 153. Os informantes contam como a região se transformou a partir na inauguração do

asfaltamento. Antes a localidade era isolada, o transporte era o carro de boi e existiam poucas pessoas na região. A rodovia transformou tudo. O transporte ficou ágil e a cidade cresceu muito. Antes o trabalho estava totalmente restrito à lida nas fazendas, mas atualmente existem comércio de qualidade e indústrias de pequeno porte. A rodovia BR 153 e as outras BR inauguradas a partir da criação de Brasília mudaram o estado de Goiás e provocou a divisão do território do estado na criação do estado do Tocantins. As histórias são as mesmas, a rodovia é a mesma e o povo não mudou quase nada, mas são duas administrações estaduais. A fala de todos se assemelham, vinculada ao sutil vai e vem de migrantes de muitos lados do enorme Brasil, mas os agrupamentos de pessoas se fizeram entorno das rodovias.

### Como foi Goiás

No início eram mato e estrada de terra. Fala-se aqui dos anos 40 e 50 do século XX. Goiás ainda era uma fronteira a ser conquistada: um lugar distante, muito difícil de chegar e mais difícil ainda de sair. Somente as cidades no entorno Goiânia, fundada em 1933, e Goiás velho, a capital anterior, possuíam alguma infraestrutura. Somente a partir dos anos 60, depois da fundação de Brasília, que o resto da região prosperou intensamente.

— Saí de Minas (Gerais) com treze anos. Meu pai e minha mãe, mais os doze filhos deles. Eu era o sétimo. *Foi três meis* (foram três meses) de caminhada [chegaram a Porangatu, norte de Goiás, fronteira com o Tocantins] (Sr. José, 84 anos, entrevista filmada do AUFAGO, 23 de setembro de 2012).

O estado do Tocantins só foi oficialmente criado em 1989. O território inteiro, que atualmente compreende os dois estados e o Distrito Federal, era o estado de Goiás. O primeiro território a ser destacado do estado foi o DF – Distrito Federal, em 1960, com a construção de Brasília e a transferência da Capital federal para o centro do País. O DF que era no estado da Guanabara, que não existe mais, compreendia como capital federal a cidade do Rio de Janeiro. Em 1960, o então Presidente da República, Juscelino Kubitschek, nascido em Minas Gerais, realiza seu compromisso de campanha e transfere para o centro do País a capital federal. Carlos Drummond de Andrade escreveu em sua crônica “20 a 70, que confusão”: *60 amanhece com Brasília, uma esperança no deserto: no fim, a nova capital já é garota sofisticada.*

Além da construção dos prédios onde estão alojados os ministérios e o poder legislativo e executivo, Brasília e sua existência provocaram o asfaltamento de muitas rodovias federais que existiam como traçado no meio do Cerrado. Essas rodovias cortaram o país, partindo da Capital Federal. Entre elas a BR 153, no trecho da 010, também conhecida como Belém-Brasília, foi a grande motivadora do desenvolvimento da região chamada até 1989 de Norte-Goiano. Ela é muito extensa, mas tem em seu traçado passar no centro dos estados de Goiás e do Tocantins. Até a divisão em dois estados, atravessar o centro do estado de Goiás, tinha de um lado o Rio Araguaia e do outro o Rio Tocantins. São elas:

A BR-010 ou Rodovia Bernardo Sayão, também conhecida popularmente como Rodovia Belém-Brasília, é uma rodovia federal radial do Brasil. Seu ponto inicial fica na cidade de Brasília (DF) e o final em Belém (PA). Entre Brasília (DF) e Estreito (MA), o percurso original da Rodovia Belém-Brasília segue pelas rodovias BR-060, BR-153 e BR-226, que são completamente asfaltadas neste trecho. A rodovia BR-010 passa pelo Distrito Federal, além dos estados de Goiás, Tocantins, Maranhão e Pará. Em Goiás, a BR-010 é o principal acesso rodoviário à região ecoturística da Chapada dos Veadeiros.

A BR-020 é uma rodovia federal radial do Brasil. Seu ponto inicial fica na cidade de Brasília (Distrito Federal) e o final em Fortaleza (Ceará). Passa pelo Distrito Federal e pelos estados de Goiás, Bahia, Piauí e Ceará. Nos estados da Bahia e do Piauí, há longos trechos da rodovia que são de terra, e também trechos que não foram construídos até hoje, ainda estando na fase de planejamento, o que força os motoristas a utilizarem outras rodovias para chegarem ao seu destino. A rodovia apresenta, ainda, um trecho não asfaltado na Bahia, entre o Km 327 (próximo a Riachão das Neves) e a divisa daquele estado com o Piauí. Em 2005, o trecho compreendido entre as cidades de Formosa (GO) e Fortaleza (CE) recebeu a denominação de Rodovia Presidente Juscelino Kubitschek, através da Lei nº 11.141/05. Obs.: essas informações estão desatualizadas: a rodovia foi totalmente concluída em 2014.

A BR-040 é uma rodovia federal radial do Brasil. O ponto inicial da rodovia fica localizado em Brasília (DF), no entroncamento com a BR-450 (Via EPIA) e com a BR-251 (Via EPCT), enquanto que o ponto final fica localizado no Rio de Janeiro (RJ), mais especificamente na Rodoviária Novo Rio. A BR-040 passa pelo Distrito Federal e pelos estados de Goiás, Minas Gerais e Rio de Janeiro, sendo a principal ligação rodoviária entre estas unidades federativas (<https://pt.wikipedia.org/wiki/>, dia 02/10/2017).

A BR-050 é uma Rodovia Federal radial do Brasil. Seu ponto inicial é em Brasília (DF) e o final em Santos (SP). Passa pelos estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo. É considerada como uma das rodovias mais movimentadas do país, pois liga a capital federal à maior metrópole brasileira, São Paulo (<https://pt.wikipedia.org/wiki/>, dia 02/10/2017).

A BR-060 é uma rodovia federal radial brasileira. Seu ponto inicial fica na cidade de Brasília (DF) e o final em Bela Vista (MS), na fronteira

com o Paraguai. Passa pelo Distrito Federal e pelos estados de Goiás e Mato Grosso do Sul. A rodovia possui todo o trecho asfaltado. (O trecho entre Jataí e Chapadão do Céu que não era asfaltado, foi inaugurado no início do ano 2014) (<https://pt.wikipedia.org/wiki/>, dia 02/10/2017).

A BR-070 é uma rodovia federal radial brasileira. Seu ponto inicial fica na cidade de Brasília (DF) e o final no distrito de Corixa, no município de Cáceres (MT), na fronteira com a Bolívia. Passa pelo Distrito Federal e pelos estados de Goiás e Mato Grosso (<https://pt.wikipedia.org/wiki/>, dia 02/10/2017).

A BR-153, também conhecida pelos nomes de Rodovia Transbrasiliana, Rodovia Belém-Brasília e Rodovia Bernardo Sayão, é a quarta maior rodovia do Brasil, ligando a cidade de Marabá (PA) ao município de Aceguá (RS), totalizando 4.355 quilômetros de extensão. Ao longo de todo o seu percurso, a BR-153 passa pelos estados do Pará, Tocantins, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os nomes de Rodovia Belém-Brasília e de Rodovia Bernardo Sayão são aplicados apenas no trecho localizado entre os entroncamentos com a BR-226 (em Wanderlândia, TO) e com a BR-060 (em Anápolis, GO). A rodovia já foi chamada de BR-14 até o ano de 1964 (<https://pt.wikipedia.org/wiki/>, dia 02/10/2017).

### Conversa boa com sr. João de Porangatu:

— Fui pra roça ... com o carreiro

[ˈfui pra ˈhɔsɛ kukaˈheru]

... o patrão mandou carregar de açúcar

[upaˈtrãw mẽˈdo kaheˈga daˈsukɾɪ]

no engenho [nuĩˈzẽɲ] (engenho) ...

que eu fui levar para Goiânia [keu ˈfui leˈva ˈpra goiˈãniɐ].

Ganhando frete. No engenho tinha [gẽĩˈãnu fretʃɪ nuĩˈzẽĩ ˈfʃiɐ]

pinga, quinto de pinga assim ... Cê num cunhece quinto di pinga...

(entrevistador falou) duzentos [duˈzẽs] litro, né. Era aquilo e açúcar de puba, quatro arrobas cada saco. Nós *tacô* cento vinte arrobas em cima dum carro ... di boi, com oito boião *ergolado* ... *mesti* ... *igualum qu'eu fãa* [ˈfʃiɐ] *qui. Batê dois dia, carru bom pá cantá. Boi ergolado, tudo apariadu. Era fazenderu ricu. Aquil quano entrô dendi Goiânia cantanu, naquel ondi tem aquel trenzin di ferru ... entrô ali pel rumu da fama ... ali era só venda, num fãa asfaltu ali não. Naquels venda u povu ficava assim tudu oiãnu u carrão i a boiada ... cantãnu denda cidad. (entrevistador perguntou: Que ano era mais ou menos?) quarente i três (43). Farta poquin pa setenta ano.*

O bairro do Fama, em Goiânia, é atualmente o grande centro comercial atacadista da cidade. Na descrição de senhor João de Porangatu, já era um centro comercial em que fazia as trocas comerciais dos produtos produzidos no interior do estado. Seu José descreve uma viagem de dois dias carreando 120 toneladas de açúcar de puba e pinga de engenho, da fazenda em Porangatu onde trabalhava até a capital Goiânia. Pelo asfalto da rodovia BR 153, a partir de 1970, são 409 km aproximadamente, o percurso de carro motorizado não é mais longo que 5 horas ou menos.

Belém-Brasília foi projeto audacioso para ligar o Norte ao resto do Brasil. Em 2008 comemoram-se os 50 anos de desbravamento e colonização de várias cidades fundadas juntamente com a rodovia Belém-Brasília, projeto do presidente Juscelino Kubitschek, que almejava ver a região Norte interligada às demais regiões do Brasil. Entre os desbravadores estão os integrantes de várias famílias vindas do Espírito Santo. Antes da Belém-Brasília, o Pará estava isolado do resto do País. Para se ter uma idéia, para se chegar a Belém, só por via aérea ou marítima. Outra opção, a mais penosa, seria via terrestre, através de picada aberta na mata, partindo do Maranhão, seguindo a região costeira, passando por Santa Helena, Viseu, Bragança e chegando à capital paraense através da região do Salgado. Por esta rota também vinham rebanhos de outras regiões. Muitos obstáculos desafiaram JK na empreitada da construção da rodovia no trecho que cortaria a selva amazônica. Entre eles, além do alto custo, a presença de índios, animais selvagens e doenças tropicais ameaçavam a continuidade do projeto. No ano de 1959, um decreto assinado pelo presidente previa a construção da Belém-Brasília, sendo encarregado para a tarefa o engenheiro Bernardo Sayão. Pela lei que previa também a construção da nova capital federal, uma rede de rodovias ligaria a sede do governo às demais regiões do Brasil. Seriam elas a Brasília-Rio de Janeiro (hoje rodovia Juscelino Kubitschek), Brasília-São-Paulo (atual via Anhanguera), Brasília-Livramento, Brasília-Fortaleza, Brasília-Acre e Brasília-Belém ou Belém-Brasília (<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=575784>, 03 de outubro).

### Senhor João de Porangatu continuou:

Eu tenho oitenta e quatro anos

[ˈeu ˈtẽjũ oiˈtẽtẽiˈkʷatɾu ˈã̃n].

Agora eu moro aqui tem sessenta e dois - 62 (anos)

[eˈgɔrˈeu ˈmɔɾuˈaˈki ˈtẽj seˈsẽtẽiˈdois].

Porangatu tem 62 (anos) ... esse Porangatu aqui (parte nova, próxima à Rodovia) é depois que eu moro aqui

[deˈpɔi kiˈeu ˈmɔɾuˈaˈki].

Quando eu vim para aqui e quarenta e nove

[ˈkʷã̃nuˈeu ˈviˈ praˈki iˈkʷaˈrẽtẽiˈnɔ̃vi],

dali onde estou contando

[daˈli ˈõ̃ni ˈto kõˈtã̃nu]

(o lugar em que foi morar com os pais, lá perto),

nós morávamos na beira do rio, fazenda Mutum

[ˈnɔ̃zmoˈrave naˈbere duˈhiu][faˈzẽ̃nẽ muˈtũ],

ali, na ponte ali [aˈli naˈpõ̃tẽiˈaˈli],

pulou ali [puˈloẽˈli],

você paga imposto é pra lá [ˈseˈpagẽ̃ˈpostuˈẽ praˈla].

Fazenda [faˈzẽ̃nẽ] Mutum,

nós morávamos nessa fazenda aí [ˈnɔ̃zmoˈrave ˈnẽ̃sefaˈzẽ̃naˈi],

quatro léguas daqui lá.

Mais a casa era ali embaixo, ó

[ˈmaizasˈkaˈzẽ̃rẽ̃i.ĩˈbaʃuˈɔ̃],

num descoberto, ali

[nũ̃dʒiskuˈbẽ̃.ɾuˈaˈli]

(parte antiga da cidade de Porangatu).

A cidadinha era só ali  
 [esida'dʒĩe'ere'sœ'li].  
 Aqui não tinha gente, não, rapaz  
 [e'kinũ'tʃĩe'zẽtʃĩ'nãw ra'pai].  
 Você [seẽ'dave] andava daqui ali pro ... pra roça quatro légua, tãa um  
 moradô atrai da serra,  
 outro por ali, onde nós morávamos e um vizinho lá na ponta da serra  
 [otru pura'li õ'nõizmo'rave lũ vi'zĩw 'lane'põ de'sehe],  
 atrás do campo [e'trai du'kãpu].  
 Um vizinho uma légua do outro  
 [w̃.vi'zĩ.wẽ'leg<sup>w</sup>e du'otru].  
 Essa Belém ['ese be'lẽj] (Belém-Brasília) –  
 tava falando ['tave fa'lẽnu]  
 - tinha a picadinha dela, só  
 [tʃĩe.pĩke'dʒĩe 'dele 'so].  
 Eles estavam fazendo ela  
 [eʃs'tave fa'zẽnu 'eʃ].  
 Ela de Uruaçu para adiante  
 ['eʃ dʒiuru'e'su pa'dʒiẽtʃĩ].  
 Abrido (aberto). Abriu a primeira destoca  
 [e'bridu][e'briu epri'mere dʒis'toke]  
 Ela ['eʃle].  
 Veio abrindo, esprainando e cascalhando  
 ['veie'b'riũ. prainãũ. i kaskar'ãnu].  
 Passou [pa'so].  
 Foi fazendo as ponte, em cinqüenta, nós viemos em 49,  
 ['foi fe'zẽnu es'põfʃi i'sĩ'k<sup>w</sup>ẽte nõiz'vei i'k<sup>w</sup>a'rẽtei'nõvi]  
 quando foi cinqüenta e um eles desceram com a destoca dela, passo  
 com a picada  
 ['k<sup>w</sup>ãnu 'foi sĩ'k<sup>w</sup>ẽtei'ũ 'eis de'seu kadis'toke 'deʃle pa'so kapi'kade]  
 dela aqui, desceu, foi para sair no Belém  
 ['deʃle'ki de'seu 'foi pa sa'i nube'lẽj].  
 Quatro anos, eles inauguraram ela lá  
 ['k<sup>w</sup>atu 'ẽ 'neis negu'ro 'eʃle'la].  
 Mas só encascalhada, né  
 ['mai 'so i'kaskar'ada 'ne].  
 Depois foi fazendo as pontes  
 [dʒi'poi 'foi fa'zẽnes 'põfʃi].  
 Aí, nós corremos até  
 [a'ii.nõi ko'heũ 'te]  
 estradão bom  
 [stra'dẽw 'bẽw] ...  
 estava só esprainada  
 ['tave 'so 'sprai'nade].  
 Ela correu até os anos setenta dois  
 ['ele ko'heũ e'te u'zã se'tẽtei 'dois],  
 no setenta e dois começou asfaltar  
 [nu se'tẽtei 'dois kome'so esfaw'ta]  
 de terra chegou a Belém, em cinquenta quatro inaugurou no Belém  
 [di'tehe je'goe be'lẽj] [i'sĩ'k<sup>w</sup>ẽtei'k<sup>w</sup>atru inegu'ro nube'lẽj].  
 Fez inauguração dela, foi até almoço do  
 ['feis negure'sẽw 'deʃ] ['foi 'te u'j'mosu] ...

As marcas fonológicas de Sr. João (seu João) são as mais características da região. Ele emigrou de Minas Gerais para Goiás, seguiu a rota dos Bandeirantes, falantes da norma Caipira. Minas Gerais está dentro da hipoglossia luso-brasileira chamada caipira ou sertaneja, que compreende os estados de São Paulo, que é considerado o lugar onde começou esse falar, noroeste do Paraná, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, Goiás e Tocantins. Não se deve esquecer que, em tempos de colonização portuguesa e Brasil Império, toda essa região era parte de uma mesma divisão político-territorial chamada província de São Paulo.

As realizações fonéticas que o senhor João de Porangatu faz na fala, são muito comuns na fala das pessoas com formação escolar mais baixa em toda a hipoglossia caipira:

1) Concordância nominal somente no primeiro signo do período, exemplos: Eles estavam [**e**ts 'tave], foi fazendo as pontes, em cinqüenta, nós viemos em 49 ['foi fe'zẽnu **es'põ**tʃi ĩsĩ'kʷẽte **no**ɪz'vei ĩkʷa'rẽter'novi], mas as casas eram ali embaixo, ó ['maizas'ka'zẽrẽlɪ ĩ'baʃu'ɔ].

2) Redução das unidades fonológicas ao mínimo distintivo, exemplos: eu tenho oitenta e quatro anos ['eu '**tẽ**ʃu oi'tẽter'kʷatɾu 'ã̃n], dali onde estou contando [da'li '**õ**ni '**to** kõ'tã̃nu], quando foi cinqüenta e um eles desceram com a destoca dela, passo com a picada dela aqui, desceu, foi para sair no Belém ['kʷã̃nu 'foi sĩ'kʷẽter'ũ '**e**is de'seu kadis'toke 'dẽtɫe pa'so **k**api'kade 'dẽtɫe'ki de'seu 'foi **pa** sa'i nube'lẽ̃j].

3) A supressão do modo de articulação das líquidas laterais palatais /ʎ/, exemplos: Mas só **encascalhada**, né ['mai 'sɔ ĩkasker'ada 'nẽ]; veio abrindo, esprainando e **cascalhando** ['veɪɐ'b'rĩ̃n. prainã̃n. | **k**askar'ã̃nu].

4) Também é muito comum a supressão da palatalização no fonema nasal palatal /ɲ/, exemplos: ganhando frete. No engenho tinha [**gẽ**'lã̃nu frẽtʃi nu ĩ'zẽ̃ '**t**ʃiẽ], a cidadinha era só ali [esida'dʒiẽ 'ere 'sɔe'li], um vizinho uma légua do outro [ũ.vi'zĩ.ũe'lẽgʷe du'otɾu], tinha a picadinha dela, só [**t**ʃiẽ.**p**ɪke'dʒiẽ 'dẽle 'sɔ].

### Fala amigável de sr. José de Porangatu

Entrevistou-se Sr. José de Porangatu em seu ponto de taxi. Sr. José completou a história da Belém-Brasília e da cidade de Porangatu:

— A estrada de terra foi nomeada Bernardo Saião, quem construiu a Picada ou a estrada de terra!

Bernardo Saião morreu em 1959, antes de terminar a obra, vítima da queda de uma árvore, por isso a estrada foi nomeada com seu nome. Sr. José de Porangatu disse que ela também era chamada de Belém-Brasília. Ela ainda é chamada assim pelos goianos e tocantinenses. — O asfaltamento foi feito na BR 153, que passou por cima do traçado da Belém-Brasília! Sr. José se mudou para Porangatu aos quatro anos de idade, ele é filho de uma paulista de Paraguaçu Paulista e de um goiano, nascido na região onde é a cidade. Porangatu só recebeu esse nome depois do asfaltamento da BR 153, antes era chamada de *Descampado* ou, como disse seu João, *Descoberto*.

Sr. José nasceu em Paraguaçu Paulista, onde seus pais se conheceram, e foi morar em Porangatu em 1942, quando tinha quatro anos. Lá se casou com uma moça da região, nascida em Nerópolis – GO, e teve nove filhos. Todos os seus nove filhos terminaram o ensino superior e ele, depois de aposentado como autônomo, tornou-se motorista de taxi. Sr. José estudou lá em Porangatu mesmo, e sua fala é da língua portuguesa padronizada pela escola no formato da região. Ele executa a forma fonética da norma fonológica geral padronizada pela escola como a fala de Goiás na região. Diferentemente de Sr. João, cuja forma fonética é a típica da fala de pessoas que não receberam educação escolar formal. Entretanto, as diferenças entre as falas dos dois senhores de Porangatu não são profundas nem mesmo do ponto de vista fonológico, o que reforça a ideia de uma variante local geral.

Na estrutura sintática da fala, eles fazem uso dos mesmos recursos. Ressaltam-se a título de exemplos o não uso de pronomes oblíquos, típico em quase todos os falantes brasileiros de português, regência despreocupada e vocabulário restrito ao do dia-a-dia. A não concordância entre o pronome nós e a forma do verbo. Nesse caso, no Sr. João, todas as incidências foram de não concordância, no Sr. José, aconteceram não concordâncias e concordâncias, na ordem de 20% e 80% respectivamente. O léxico esteve sempre muito semelhante, mas Sr. José é um homem de mais etiqueta, monitorou mais sua fala, consciente da obrigação de veracidade. Sr. João é um homem de total simplicidade, tanto no modo de falar: foneticamente, lexicalmente e sintaticamente, quanto no modo de vestir: roupa simples, cuja camisa tinha furos no tecido, sapatos pretos desbotados e empoeirados. Estava passeando em uma bicicleta sem pintura, enquanto Sr. José tem um carro do ano, que usa no trabalho como taxista.



Eu nasci São Paulo, na cidade de Paraguaçu Paulista. Nós viemos para aqui em 1942 ['nɔɪ vɪ'ɛmʊ pra'qui ɪ 'miɫ nɔvɛ'sɛtʊzi kʷɛ'rɛtɛɪ'doɪs]. Eu nasci lá. Vim com meus pais. Minha mãe é filha ['mĩɛ 'mã]ɛ 'filɛ] de Paraguaçu Paulista e meu pai é de Porangatu. Saiu daqui com 16 anos tocando boiada [to'kãɯ boɪ'ade 'pre] para Barreto. Lá conheceu minha mãe ['la kɔjɛ'sɛʊ 'mĩɛ 'mã], casou e em quarenta e dois viemos para aqui [vɪ'ɛmʊs pre'ki], nós somos ['nɔɪ 'sɔmʊs] só dois irmãos. Minha irmã ['mĩɛ ɪh'mã] que mora aqui. Aí, *fiqemos* aqui desde menino [fi'kɛmʊa'ki 'dezɪ mi'nĩn<sup>u</sup>], estudei, casei em 57, sou pai de nove filhos ['so 'pai dɪ'nɔvɪ 'filʊ]. Agente está aqui nessa cidade desde o tempo que ela era *Discuberto*. Desenvolveu quando passou essa Bernardo Saião, aqui. Aí, antes municipalizou [mɛnɪsɪ'po], invés de *Discuberto* [dʒɪku'bɛrtʊ] é Porangatu, municipalizou [mʊni.sɪpɛɪ'tzo]. Aí, o prefeito era por nome de ... o primeiro prefeito foi Angelo Rosa de Moura, depois passou para Eusébio Martins da Cunha, comprou, era lá de baixo, comprou cem alqueires aqui, depois que passou a Bernardo Saião, hoje ela é a BR 153, aí formou essa cidade, isso aqui não existia, era só uma fazenda. Aí foi só chegando desenvolvimento [dʒɪzɪvɔvɪ'mɛtʊ], porque, quando a estrada chegou, aí chegou o desenvolvimento, daí foi só crescendo, crescendo toda vida. É uma cidade que, como diz o outro, eu amo ela que eu vi nascer e crescer até os dias de hoje.

Lá embaixo é a Praça, porque aqui era a Bernardo Saião, nome antigo ... passou por lá, depois da lagoa, depois transformou-se em Belém-Brasília, aí veio a BR 153, que justamente passou por fora, que ela já tinha outro nome [kɪ'ɛɛ'zã'tʃɛ'otrʊ'nɔmɪ], hoje ela por fora da cidade. (Belém-Brasília e BR 153) Sim, o símbolo era de uma mesma coisa, mas quem passou aqui era conhecida como Bernardo Saião, aí depois passou a Belém-Brasília, depois registraram ela, quando fez a BR 153... justamente da época do asfaltamento, tudo era terra, Belém-Brasília. Passou a BR 153, aí asfaltou. Em quarenta e dois, eu tinha quatro anos, nesse tempo. Só não nasci (aqui). Minha esposa é de uma cidade de nome Nerópolis, mas é goiana. Eu estudei aqui na, aqui em Porangatu mesmo, na Parmintec, na escola Batista. Aqui, eu trabalhei, fui para roça, depois que casei, trabalhar na fazenda, fazenda Arlade. Aí voltei, quando meu filho mais velho tinha oito ano, eu voltei para Porangatu, para estudar ele, aí fiquei trabalhando [trabar'ãɯ] na Prefeitura muitos anos, trabalhei [trabar'ɛɪ] no DERGO, trabalhei [trabar'ɛɪ] no consórcio, acabou. Depois parti para a construção civil, trabalhei catorze anos de pedreiro, construção civil. Em oitenta, passei para trabalhar [trabar'a] de taxi. Sou aposentado. Autônomo [o'tõn.mʊ], justamente. Estou trabalhando [trabar'ãɯ] aqui, no taxi. Como diz o outro, completando [kɔpre'tãɯ] os últimos dias de vida, que, com setenta ... e quatro anos de vida, você não tem mais futuro, que nem você que tão mais jovem, que olha ['ɔɪɛ] para frente e vê tudo bom. Eu já espero outro destino. Relativo a que Deus é .. prepara para o homem, eu só ... só tenho a agradecer, tenho uma família muito brilhante [brɪ'ɫãɫɪ], meus filhos ['filʊs] tudo homens que eu não tenho vergonha [ver'gõjɛ] de dizer é meu filho ['filʊ]. E eles tem orgulho [ɔr'gulʊ] de dizer eu sou filho ['fiɪ] do ...Sr. José. São cinco homens e quatro mulheres [mʊ'ɫɛ]. Só tem uma que mora em Gurupi e o mais velho [vɛ'ɪʊ] mora em Nerópolis. Tem, parece, 36 netos, 12 bisnetos.

['nɔɪ vɪ'ɛmʊ pra'qui ɪ 'miɫ nɔvɛ'sɛtʊzi kʷɛ'rɛtɛɪ'doɪs]

Observem que Sr. José realiza de maneiras diferentes o fonema /ʎ/, a depender do ambiente fonológico. Mantendo só a palatalidade, exemplos: trabalhando [trabar'ãɯ], trabalhei [trabar'ɛɪ], trabalhei [trabar'ɛɪ], trabalhar [trabar'a], trabalhando

[trabar'ãnu]. A incidência da manutenção só da palatalidade em Goiás para esse fonema é generalizada, e encontra eco na fala de Sr. José. Essa palavra apresenta uma alta dificuldade de pronúncia na forma da norma padrão: apresenta em quase todos os itens lexicais do verbo três /a/, duas oclusivas, uma bilabial e sonora /b/ e outra apico-dental e surda /t/, rodeadas por duas líquidas, sendo uma o /l/ palatal, ponto de articulação que apresenta frequentes modificações em todos os fonemas em que existe. Essa modificação não se restringe a esse verbo, exemplo: filho ['fiɾ]. Item lexical usado em situação de intimidade, genericamente aplicado na fala dos goianos entre pessoas na intimidade. Sr. José se emocionou ao dizer essa frase: **E eles tem orgulho [ɔr'gulʊ] de dizer eu sou filho['fiɾ] do José.**

Esse mesmo fonema aparece pronunciado de duas outras formas, também comuns na fala em Goiás. mulheres [mu'ʌɛ], brilhante [brɪ'ʌãʃɪ], nesse dois itens lexicais o fonema /l/ está na sílaba tônica e, salvo melhor juízo, manteve sua forma padrão integralmente. Comum a sílaba tônica em português se manter integralmente na evolução fonológica. E, olha ['ɔlɐ], meus filhos ['filʊs], filho ['filʊ], orgulho [ɔr'gulʊ], velho [vɛ'lʊ], essa é a forma mais recorrente na fala dos goianos. Essas incidências desse fonema são fazes de evolução: ['fiʌu] > ['filʊ] > ['fiɾ] > ['fiɾ], na língua francesa essa evolução já alcançou a norma padrão no último estágio, que no português do Brasil aparece na norma caipira, sendo muito desprestigiada.

A redução dos traços nos fonemas palatais do português pode ser observada na fala dos dois senhores de Porangatu, podendo ser generalizada à fala da maioria dos goianos, exemplos com o /ɲ/ em que sobra somente o traço marcado da nasalidade. Na fala de Sr. José: Lá conheceu minha mãe ['la kōʃe'seu 'mĩe 'mãj], Minha irmã ['mĩe ɪh'mã], vergonha [ver'gõʃe]. Exemplos com o /ɲ/, na fala de Sr. João: Eu tenho ['eu 'tējʊ], a cidadinha [esɪda'dʒie], um vizinho [w̃.vi'zĩw̃], tinha a picadinha [ʃie.pɪke'dʒie]. No ALINGO – Atlas Linguístico de Goiás, exemplos apareceram em todas as localidades, a exemplo: Bolinha de gude [bɔ'liɛ dʒɪ'gudʒɪ], Capetinha [kape'ʃie], Machinho [ma'ʃɪ], Hominho [õ'mĩu], Rapinha do tacho [ha'pĩɛ dʊ'taʃʊ], Caçulinha [kasu'liɛ], Cunhada [kũ'ade], Ganhou menino [gaʃ'o mi'nĩnu] etc.

## Conclusão

Certa vez, em 2001, conversando com um professor de filosofia na cidade de Porto Nacional, no Tocantins, ele me disse que quando era jovem, ele tinha por volta de 60 anos, queria dizer quando tinha 15 anos, ele e um grupo de cavaleiros viajaram

de Porto Nacional, no centro do Tocantins, até Gurupi, uma vilinha, que pertencia ao município de Porto Nacional, no sul do estado. São 157 quilômetros, ida e volta 300, pela Br 153, a cavalo eles levaram seis meses para ir e voltar, obviamente a distância ficou maior por terem de atravessar o rio Tocantins nas corredeiras rasas onde é a Barragem da usina de Peixes, atualmente. No caminho, três vezes as onças atacaram os cavalos, em uma das vezes mataram um, o que atrasou a viagem em seis dias até que conseguissem outro cavalo de montaria.

Gurupi, atualmente é a terceira maior cidade do Tocantins, muito maior que Porto Nacional, e fica na fronteira com Goiás, muito próxima a Porangatu. Ambas viveram o mesmo efeito de desenvolvimento causado pela Belém-Brasília. População feita de imigrantes das várias partes do Brasil, predominando Paulistas e Mineiros do Sudeste e Maranhenses e Piauienses do Nordeste. Cada um desses grupos levaram seus hábitos dessas origens, sobretudo o modo de falar, muito característicos em cada um desses estados, como é em todos os estados brasileiros. Goiás e Tocantins ficam no centro do País, junto com a capital federal. Sem dúvida nenhuma, foi justamente a fundação de Brasília que causou toda essa transformação tão rápida. Dela e de suas necessidades surgiram as rodovias federais e os postos de trabalho que trouxeram muitas pessoas querendo ocupá-los.

Os senhores João e José de Porangatu chegaram à região antes desse movimento intensificado, por isso suas falas são tão generosas com a pesquisa. Muito fácil de observar é a qualidade do vocabulário empregado pelos dois, ambos fazem uso de um número pequeno de palavras. Tal comportamento lingüístico é típico do povo brasileiro. Já foi até tipificado na poesia de Manuel Bandeira. Vocabulário simples utilizado para realizar todas as significações da língua. Eles também não se diferem claramente na organização sintática das orações, caracterizam-se também pela sintaxe analítica sem marcas de substituições pronominais para objetos.

As marcas fonológicas, no entanto, ficam caracterizadas na fala dos brasileiros muito em função da vida social das pessoas e da participação da escola, educação formal, na formação dos sujeitos. Isso ocorre porque até recentemente muitos brasileiros não tinham acesso à educação formal, ou tinham acesso por poucos anos. Tais elementos históricos caracterizam foneticamente o povo brasileiro. Essa é a diferença mais evidente entre os dois senhores de Porangatu. Um tem suas características muito marcadas pela baixa formação oficial e o outro apresenta evidentemente a transformação que a educação formal fez no seu modo de falar e

também na organização morfofonológica de sua fala. No caso de Sr. José, o segundo falante, o ritmo de sua fala e as modificações nos fonemas que faz, são de alguém que assimilou a forma mais prestigiada da fala masculina para a localidade.

Esses são homens, indivíduos e sujeitos, típicos do povo do Brasil central. Pele enegrecida pelo Sol sempre muito presente, fazendo as temperaturas permanecerem constantemente acima dos 30 graus Celsius. São homens de ossatura forte, de quem esbanja vitamina D. Devido ao calor, todos têm vida social intensa em ambientes abertos. Esses traços do ambiente natural realizam uma educação social feita de muitos sorrisos, fala alta, muitos gestos, frequentemente caracterizada de simpatia. Assim, esses homens são muito simpáticos, sorridentes e amigáveis. Pode se dizer que essa seria uma caracterização justa para as pessoas dessa região. É claro que a confiança que se deposita em um ser humano deve levar em conta as circunstâncias e o objeto da confiança. Os conceitos não devem ser confundidos.

## Bibliografia

Andrade, Carlos Drummond de. “20 a 70, que confusão”. In: *Crônicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Marra, D. e Milani, S. E. “O locus da língua: reflexões metateóricas acerca da noção de língua como um fato social em William Labov”. In: *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista: 2014.

Milani, S. E. “A geografia da ocupação lingüística”. In: Interface. Porto Nacional-TO: UFT, 2004.

----- Aspectos Historiográfico-lingüísticos do século XIX. São Paulo: Paco editorial, 2011.

----- Historiografia Lingüística de Wilhelm Von Humboldt. São Paulo: Paco editorial, 2012.

----- Relato da obra de Ferdinand de Saussure. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2016.

Milani, S. E. *et al.* *ALINGO – Atlas Lingüístico de Goiás*. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015.

**Capítulo 5**  
**PENTECOSTALISMO: ORIGEM E INFLUÊNCIA NO BRASIL**  
**E NO CONTINENTE LATINO-AMERICANO**  
**Érico Tadeu Xavier**

## PENTECOSTALISMO: ORIGEM E INFLUÊNCIA NO BRASIL E NO CONTINENTE LATINO-AMERICANO

**Érico Tadeu Xavier**

*Doutor em Teologia. Professor de Teologia no Seminário Adventista Latino Americano (Ivatuba, PR). contato: etxacademico@gmail.com*

### RESUMO

O Pentecostalismo é um movimento ligado ao Protestantismo mas que possui algumas ramificações divergentes do propósito reformista. Neste artigo, o objetivo é analisar as origens e as influências do Pentecostalismo e do Neopentecostalismo na sociedade brasileira e latino-americana. A revisão da literatura indica que o movimento pentecostal está ligado ao Protestantismo, tendo como origem histórica o movimento Holiness. Chegou ao Brasil e América Latina no início do século XX e, a partir da década de 50, alcançou a América Central. Essa expansão ocorreu através de ondas ou fases. A primeira e segunda onda caracterizam as igrejas pentecostais tradicionais e as igrejas surgidas da fragmentação das Assembleias de Deus, respectivamente, e a terceira onda representa o neopentecostalismo. O pentecostalismo está inserido em todas as camadas sociais e tem influenciado a sociedade em todas as áreas. Especialmente o neopentecostalismo tem exercido maior influência na sociedade apresentando uma teologia voltada a atender as necessidades pessoais individualistas, com baixa preocupação com a conversão das almas e mudança de vida conforme escrito na Bíblia, e sim, com a busca de dons espirituais e com a bênção da prosperidade material. O pentecostalismo moderno tem assumido semelhanças com o Catolicismo, com a Umbanda, com o Espiritismo e outras formas religiosas. Essas semelhanças indicam a necessidade de se buscar o retorno às verdades bíblicas e a conversão dos que se dizem cristãos em vista de promover uma influência real e positiva na sociedade brasileira e latino-americana.

**Palavras-Chave:** História. Influência. Pentecostalismo. Brasil. América Latina.

### ABSTRACT

Pentecostalism is a movement linked to Protestantism but which has some ramifications that diverge from the reformist purpose. In this article, the objective is to analyze the origins and influences of Pentecostalism and Neo-Pentecostalism in Brazilian and Latin American society. The literature review indicates that the Pentecostal movement is linked to Protestantism, with the Holiness movement as its historical origin. It arrived in Brazil and Latin America at the beginning of the 20th century and, from the 1950s onwards, it reached Central America. This expansion occurred through waves or phases. The first and second wave characterize traditional Pentecostal churches and churches that emerged from the fragmentation of the Assemblies of God, respectively, and the third wave represents neo-Pentecostalism. Pentecostalism is embedded in all social strata and has influenced society in all areas. Neo-Pentecostalism especially has exerted a greater influence on society, presenting

a theology aimed at meeting individualistic personal needs, with little concern for the conversion of souls and life change as written in the Bible, and yes, with the search for spiritual gifts and with the blessing of material prosperity. Modern Pentecostalism has assumed similarities with Catholicism, Umbanda, Spiritism and other religious forms. These similarities indicate the need to seek a return to biblical truths and the conversion of those who call themselves Christians in order to promote a real and positive influence in Brazilian and Latin American society.

**Keywords:** History. Influence. Pentecostalism. Brazil. Latin America.

## 1 INTRODUÇÃO

O Pentecostalismo é um movimento ligado, essencialmente, ao Protestantismo, mas que assumiu, ao longo do século XX, diferentes ramos que modificaram esse movimento de sua base inicial. O crescimento desse formato carismático tem aumentado nas últimas décadas com reflexos na sociedade e na religiosidade das pessoas, bem como, na concepção de vivenciar o ser cristão.

Neste artigo se apresenta o Pentecostalismo e suas ramificações com o propósito de conhecer suas origens e salientar as influências desse movimento sobre a sociedade brasileira e latino-americana especialmente na sua forma carismática de atuar no Brasil.

## 2 PENTECOSTALISMO: ORIGEM E CARACTERIZAÇÃO

A Reforma Protestante foi um indicativo de mudanças na Igreja Católica, mas também foi palco de transformações internas nas Igrejas que surgiram a partir desse evento. O movimento pentecostal é um dos maiores exemplos de mudanças que ocorreram no contexto de expansão do Cristianismo, desde sua origem até as transformações por que passa o Protestantismo na atualidade, transformações estas perceptíveis, especialmente, no Brasil.

### 2.1 Origem do Movimento Pentecostal

O Protestantismo está constituído como o segundo maior movimento do Cristianismo, representando cerca de 37% de todos os cristãos, sendo o catolicismo o primeiro. Dentre os principais ramos do Protestantismo, segundo a Wikipédia (2022,

s/p) estão: “adventistas, anabatistas, anglicanos/episcopais, batistas, calvinistas/reformados, luteranos, metodistas, morávios/hussitas, pentecostais, quakers e valdenses, igrejas não denominacionais, carismáticas, evangélicas e independentes [...]”. Nesse formato religioso se enquadram os Pentecostais.

Com relação à história mundial do protestantismo, Martin (1990, apud XAVIER, 2011), distingue três ondas no movimento protestante, a saber: a puritana, a metodista e a pentecostal. Matos (2006) analisa o surgimento do Pentecostalismo a partir do movimento Protestante e fornece alguns elementos históricos importantes para a compreensão desse segmento que tem se propagado na modernidade.

Segundo Matos (2006, pp.25-26), o movimento do Cristianismo que pode ser considerado mais próximo ao pentecostalismo foi o montanismo, que surgiu na Frígia, Ásia Menor, na década de 170 d.C. Montano, seu fundador, e suas discípulas Priscila e Maximila, anunciavam o fim dos tempos e apelavam para visões e profecias, desprezavam a Igreja alegando ter autoridade direta do Espírito Santo. No século XII, essa perspectiva carismática deu origem a diversos grupos, como os cátaros, os begardos e beguinas e o apocaliptismo de Joaquim de Fiore. No século XVI ocorreu a Reforma Protestante e os reformadores se defrontaram com grupos e pessoas, como os anabatistas, que diziam ter revelações diretas de Deus e relativizavam a importância das Escrituras. Esses indivíduos recebiam a alcunha de entusiastas, libertinos, fanáticos, espiritualistas.

Mendonça (2008) salienta que o Protestantismo, no entanto, mantinha-se em uma linha firme de luta contra as mudanças doutrinárias da Igreja Católica, não admitindo essas manifestações. Assim é que,

[...] no afã de eliminar toda intermediação entre o crente e Deus, excluiu não só o sacerdócio profissional, mas todos os signos gestuais ou materiais que pudessem marcar essa intermediação. Restou a oração exclusivamente verbal e, em alguns casos, com a imposição das mãos. Mas, em geral, a oração pelos enfermos tornou-se genérica e impessoal e muito marcada pela influência calvinista da soberania absoluta de Deus em todos os atos da vida. (MENDONÇA, 2008, p. 142).

Nessa perspectiva, o protestantismo abriu espaço para o surgimento de manifestações entusiásticas, como o caso dos quacres ingleses, no século XVII, os avivamentos dos séculos XVIII e XIX, na Europa e na América do Norte e o ministério de Edward Irving, no século XIX, pastor presbiteriano escocês considerado o



precursor do movimento carismático moderno. Destaca o autor que “as influências do pietismo alemão, do puritanismo e do movimento metodista se somaram para produzir mudanças” (MATOS, 2006, p. 27).

Assim, ocorreu o que se chamou de Primeiro Grande Despertamento, nas décadas de 1730 e 1740, na América do Norte, produzindo um tipo de cristianismo mais emocional, mais independente de estruturas e tradições formais e desejoso de experimentar o sagrado. O Segundo Grande Despertamento, ocorrido nas primeiras décadas do século XIX, sob a influência de pregadores como Charles G. Finney passou-se a questionar a teologia reformada tradicional, valorizando-se a liberdade, decisão e experiência pessoal, o que caracterizou o cenário religioso norte-americano. Com isso, diversos movimentos surgiram, dentro do protestantismo histórico e distante deste, tais como: os shakers, mórmons e testemunhas de Jeová.

Na tentativa de compreender o surgimento do Pentecostalismo moderno foram realizadas diferentes abordagens, baseadas em enfoques sociológicos ou teológicos. A maioria dos estudos sobre a origem do Pentecostalismo destaca como o ponto inicial do movimento pentecostal o metodismo baseado na doutrina de John Wesley. Wesley ensinou sobre aspectos ligados a: “inteira santificação”, “perfeição cristã”, “a mente de Cristo”, “plena devoção a Deus”, “amor a Deus e ao próximo”, aspectos estes considerados por ele como “um alvo a ser buscado ao longo da vida cristã” (MATOS, 2006, p. 28).

Mas foi o sucessor de Wesley, John Fletcher, que acrescentou às ideias de Wesley a compreensão da necessidade do batismo do Espírito Santo conforme ocorreu no Pentecostes do Novo Testamento. Essa perspectiva centrou-se no livro de Atos dos Apóstolos 2:1-4, que narra a reunião de cerca de 120 cristãos na cidade Jerusalém que

[...] teriam recebido o “dom” ou a capacidade divina de “falar outras línguas”. Esse episódio é lembrado como *Pentecostes*, por ter ocorrido no dia em que se celebrava uma festa judaica que trazia esse nome em alusão aos cinquenta dias que a separavam da Páscoa. Daí a atribuição do nome “pentecostalismo. (PROENÇA, 2006, p. 95).

Durante o Segundo Grande Despertamento, o metodismo teve um crescimento acentuado nos Estados Unidos, difundindo suas ideias e práticas a outras denominações, entre elas: “a pregação extemporânea com forte conteúdo emocional, os apelos insistentes seguidos de assistência espiritual aos convertidos ao término

das reuniões, a participação de mulheres falando e orando [...], e a forte ênfase na teologia arminiana” (MATOS, 2006, p. 28).

Nesse contexto de expansão das ideias de avivamento e busca da santidade destaca-se o movimento *Holiness*, cujos maiores expoentes foram: o evangelista Charles Finley, de origem presbiteriana, e Phoebe Palmer, de Nova York, que promoveu a santidade publicando um periódico influente e viajando como evangelista itinerante na América do Norte e na Europa.

Esse movimento gerou um avivamento, considerado por alguns estudiosos como o Terceiro Grande Despertamento, ocorrido entre 1857 e 1858, e que resultou em um discurso que promovia o batismo com o Espírito Santo como sendo este uma “segunda bênção” distinta da conversão, além de incentivar o resgate do poder do Espírito para as profecias, curas e milagres. Esse ideal resultou na criação de associações formadas por diferentes igrejas que aceitaram o movimento *Holiness*, sendo então formadas duas instituições: a Associação Nacional *Holiness*, criada em 1867 em Vineland, Nova Jersey, e a Associação *Holiness* de Iowa, em 1879. Com essa institucionalização do movimento, passou-se também a considerar o “batismo com o Espírito Santo e com fogo como uma terceira experiência na vida cristã, distinta tanto da conversão quanto da plena santificação” (MATOS, 2006, p. 29).

O movimento Pentecostal, portanto, está ligado diretamente ao movimento *Holiness*, mas tem sua origem histórica moderna relacionada aos acontecimentos da Rua Azusa, em 1906, quando se destacou como movimento de expansão mundial. Proença (2006, p. 95) assume como marco histórico do Pentecostalismo o ano de 1901 quando, em Topeka, Kansas, Estados Unidos, o evangelista metodista Charles Fox Parhan, ligado ao movimento de santidade e fundador/dirigente da Escola Bíblica Betel, começou a ensinar sobre reviver os sinais que teriam ocorrido com os primeiros cristãos, sinais estes que poderiam ser evidenciados tal como descrito no relato bíblico de Atos 2:1-4, especialmente no dom de “falar outras línguas”.

Nos ensinamentos de Parhan começou a ficar evidente que esse dom se manifestava por meio de êxtase, em vista de que uma de suas alunas, Agnes Ozman, havia vivenciado um fenômeno dessa qualidade e o mesmo havia ocorrido com outros estudantes, posteriormente, espalhando-se por várias igrejas.

As pessoas que aceitavam essa forma de avivamento formaram assembleias de crentes que ficaram conhecidas como Assembleias de Deus. A experiência de Topeka levou o pregador negro William J. Seymour, membro da *Holiness*, a iniciar

pregações carismáticas em 1906. Seymour alugou um salão na Rua Azusa, nº 312, em Los Angeles, Estados Unidos, onde oficialmente foi fundada a primeira denominação pentecostal, que foi chamada de “Missão Evangélica da Fé Apostólica”. Segundo Proença (2006, p. 96), esse local ficou conhecido por apresentar fenômenos extáticos que atraíam muitas pessoas de diversos lugares com o “intuito de conhecer e depois também propagar aqueles sinais carismáticos”.

Sobre os fenômenos percebidos nas reuniões da Rua Azusa, Matos (2006, p. 31) apresenta o seguinte cenário:

As reuniões eram eletrizantes e barulhentas. Começavam às 10 horas da manhã e prosseguiam por pelo menos doze horas, muitas vezes terminando às 2 ou 3 da madrugada seguinte. Não havia hinários, liturgia ou ordem de culto. Os homens gritavam e saltavam através do salão; as mulheres dançavam e cantavam. Algumas pessoas entravam em transe e caíam prostradas. Até setembro, 13.000 pessoas passaram pelo local e ouviram a nova mensagem pentecostal.

De acordo com Proença (2010, p. 359), a realidade social de Los Angeles, onde se originou o pentecostalismo, era de pobreza, violência e desequilíbrio social e econômico. Segundo ele, havia: “[...] pobres perambulando pelas ruas, imigrantes, deserdados, violência urbana campeante. [...] crise prolongada na agricultura do Sul do país, como o êxodo rural [...], se juntavam a milhões de imigrantes brancos que chegavam [...] da Europa”. Esse contexto mostra pessoas deslocadas de seu ambiente, necessitadas de obter dignidade, de reconstruir suas vidas e identidade pessoal e social.

Foi esse o cenário que facilitou o surgimento do movimento pentecostal em 1906, o qual forneceu a possibilidade de unir raças, credos e esperanças, como salienta Matos (2006, p. 31):

[...] Uma característica marcante dessas primeiras reuniões foi o seu caráter multirracial, com a participação de negros, brancos, hispanos, asiáticos e imigrantes europeus. A liderança era dividida entre negros e brancos, homens e mulheres. [...] Diante da longa e terrível história de racismo e segregação nos Estados Unidos, esse fato só podia deixar encantados os participantes e observadores do avivamento, que viam nisso mais uma prova de que o movimento vinha de Deus.

Matos (2006, p. 33) comenta também sobre os problemas que o movimento pentecostal vivenciava nessa época, citando alguns deles: sessões espíritas realizadas ao mesmo tempo que os cultos; discussões e condenações de uns enquanto outros oravam; críticas de jornais e de líderes eclesiais ao que ocorria nas reuniões; crises internas como fanatismo, choques de personalidade, divergências doutrinárias, separação racial que levou à exclusão de brancos e hispanos, posteriormente.

Da iniciativa da Rua Azusa, que ocorreu durante três anos, diariamente, surgiram pregadores que difundiram o movimento para outras partes do mundo, chegando, também, ao Brasil e à América Latina.

## **2.2 O Pentecostalismo no Brasil e na América Latina**

No Brasil e na América Latina o pentecostalismo se faz presente desde o início do movimento, no início do século XX sendo percebida a presença de latinos ainda no avivamento da Rua Azusa, os quais foram expulsos da missão em 1909, por Seymour, sem razão aparente. Conseqüentemente, os latinos de origem mexicana e chicana (americanos de origem mexicana) formaram o movimento pentecostal latino, difundido nos Estados Unidos, México e Porto Rico. Em 1912 fundaram igrejas autônomas e independentes na Califórnia, Texas e Havaí. O líder mais influente foi o evangelista Francisco Olazábal, conhecido como “El Azteca”. Ao final do século XX, “em 1998 cerca de um milhão de latinos frequentavam 10.000 igrejas e grupos de oração em 40 tradições pentecostais e carismáticas nos Estados Unidos e em Porto Rico, sem contar o número muito maior de pentecostais existentes em muitos países latino-americanos” (MATOS, 2006, p. 36).

Afirma ainda este autor que o pentecostalismo se irradiou rapidamente a partir de Los Angeles e de Chicago para outros países, chegando à América Latina, primeiro no Chile em 1909 e no Brasil em 1910. Embora tenha tido um crescimento lento inicialmente, a partir da década de 50 começou a crescer em maior proporção e, desde os anos 70, se expandiu também para a América Central, especialmente na Guatemala e El Salvador. No Chile, cerca de 80% dos protestantes são pentecostais.

São muitas as razões da expansão pentecostal na América Latina: as vicissitudes históricas da obra evangelística e pastoral católica, o

limitado trabalho das denominações protestantes, o misticismo das culturas ibero-americanas, os graves problemas econômicos, políticos e sociais. (MATOS, 2006, p. 38).

Embora Matos (2006) aponte a primeira manifestação carismática no protestantismo a Miguel Vieira Ferreira, engenheiro, presbítero e pregador leigo da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, que formou, em 1879, a Igreja Evangélica Brasileira, a qual subsiste até hoje, a expansão do pentecostalismo para a América Latina é considerada a partir da vinda de missionários norte-americanos que criaram as primeiras igrejas, como explica Bonino (2003, p. 54):

Todas as histórias do pentecostalismo latino-americano começam com o “despertar” associado ao nome do missionário Willis C. Hoover, da Igreja Metodista, e à cidade de Valparaíso, no Chile, e continuam com Francescon [Congregação Cristã] e as Assembléias de Deus no Brasil. Logo o pentecostalismo se multiplica, diversifica e expande, e a partir da década de 1950 se apresenta como o rosto popular do protestantismo na América Latina: 14.500 em 1938; 1 milhão em 1950; 37 milhões em 1980. E os entusiastas falam de 65 milhões de pentecostais no final do milênio.

O crescimento pentecostal no Brasil e no continente latino-americano se deu, portanto, no século XX, e se expandiu através de “ondas”, termo utilizado por alguns estudiosos para distinguir as diferentes fases do pentecostalismo na região (FRESTON, 1998; MARIANO, 2012).

Especificamente falando do pentecostalismo no Brasil, Freston (1998, p. 67) identificou que “o pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas”. Segundo este autor, a primeira onda se refere à chegada das duas primeiras igrejas pentecostais ao Brasil, no início do século XX, a saber: a Congregação Cristã no Brasil, em 1910 e a Assembleia de Deus, em 1911.

Essas igrejas descendem diretamente do movimento pentecostal americano, e representam o pentecostalismo clássico caracterizando-se pelo fenômeno de falar em línguas. Para Xavier (2011) a primeira onda trazia também a crença na ressurreição de mortos, na oração sobre lençóis, no curar enfermos, cair no Espírito, tendo como marca distintiva o “batismo no Espírito Santo”.

Conforme Alencar (2019) a Congregação Cristã no Brasil (CCB) foi fundada em 1910 pelo ítalo-americano Louis Francescon, no sul do país, em Santo Antônio da

Platina-PR, e a Assembleia de Deus foi fundada em 1911 pelos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, em Belém do Pará. Embora venham do mesmo movimento originado em 1906, as diferenças entre essas igrejas são grandes, especialmente na questão da gestão das igrejas e de sua inserção cultural. Ao passo que a CCB se manteve fechada às dinâmicas sociais, culturais e religiosas do contexto brasileiro, as ADs se mostraram abertas a mudanças e adaptações e influenciaram, direta ou indiretamente, na criação de inúmeras ramificações do movimento pentecostal que surgiram, principalmente, a partir da década de 1950. Comenta o autor que:

Durante quarenta anos as Assembleias de Deus formaram as bases do pentecostalismo brasileiro e a partir daí, na metade do século XX, o movimento se dividiu em diversas denominações. É possível afirmar, portanto, que o pentecostalismo brasileiro é, em larga escala, uma ramificação das Assembleias de Deus. (ALENCAR, 2019, p. 9).

A segunda onda do pentecostalismo brasileiro (chamada de neoclássica, ou pentecostalismo da cura divina e libertação) ocorreu entre a década de 1950 e início de 1960, a partir da fragmentação das Assembleias de Deus e do pentecostalismo que se formava no Brasil. Dessa ruptura surgiram diversos grupos menores e três grandes grupos, quais sejam: a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), O Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). A ênfase nesse período foi nos dons espirituais, como milagres e línguas, que passaram a ser comuns nas igrejas cristãs tradicionais nos Estados Unidos e no Brasil. Xavier (2011) afirma que essa segunda onda foi também denominada de carismática, sendo marcada por movimentos renovadores nas igrejas históricas, como a Batista e a Metodista. O período dessa onda pentecostal deu origem a denominações que, embora advindas das originais, se tornaram independentes destas.

Sobre o assunto, Campos (2005) destaca que, embora tenham a mesma origem, o pentecostalismo brasileiro criou membros distantes entre si, a exemplo dos membros da CCB e da AD. Mas as divisões ocorreram somente na Assembleia, enquanto a Congregação manteve-se fechada às mudanças. Desse modo, surgiram cisões na AD já em 1930 e continuaram a aparecer, como explica o autor:

[A AD] em 1930 viu nascer no Nordeste a Igreja de Cristo e dois anos depois, também no Nordeste, a Igreja Adventista da Promessa. Nos anos 40 mais um movimento pentecostal autônomo, este originado por cisões entre metodistas paulistanos, dando origem à Igreja do

Avivamento Bíblico. Essa “família” somente iria crescer com o advento dos pregadores de curas divinas e milagres, oriundos da Igreja do Evangelho Quadrangular, início dos anos 50, em São Paulo, quando surgem a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo e a Igreja Pentecostal Deus é Amor, entre uma multiplicidade de pequenas novas igrejas, seitas e denominações. (CAMPOS, 2005, p. 113).

Destaca-se a estratégia utilizada pela Igreja Quadrangular, que adaptou o movimento de tendas original dos Estados Unidos para o Brasil, que ficou conhecido como Cruzada Nacional de Evangelização, o que levou a igreja brasileira a se associar formalmente à igreja americana, em 1955, estabelecendo vínculos doutrinários com a mesma (XAVIER, 2011).

A criação de tantos ramos pentecostais no território brasileiro e a propensão a absorver a religião popular originou então uma terceira onda, chamada de neopentecostal. Essa terceira onda começou nos anos 1970, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, e apresentou algumas características, destacadas por Proença (2006): Teologia da Prosperidade, que dá acesso às bênçãos no tempo presente; liberdade quanto aos usos e costumes; ênfase na batalha espiritual entre o homem e Satanás; uso dos meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, como estratégia de buscar adeptos e manutenção da igreja. Ainda nesse período da terceira onda pentecostal, surgiram os movimentos de renovação carismática da Igreja Católica. O autor acrescenta algumas informações importantes para compreender a expansão do neopentecostalismo no Brasil:

Foi nesse contexto e período que também surgiu um elemento marcante no campo religioso brasileiro: a Igreja de Nova Vida, fundada em agosto de 1960, no bairro Botafogo, Rio de Janeiro, pelo pastor canadense Walter Robert McAlister. Ele publicou mais de 40 livros e livretos sobre libertação de demônios. Durante os anos 60 McAlister fixou-se no Brasil como missionário, morando no Rio de Janeiro, e pregava semanalmente no auditório ABI – Associação Brasileira de Imprensa, iniciando a Cruzada de Nova Vida. Essa igreja desempenhou um papel importante na demarcação do campo religioso brasileiro: nela se formou um *habitus* pentecostal, desencadeador e provedor de quadros de liderança das duas das maiores igrejas neopentecostais do país: Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça de Deus – respectivamente lideradas por Edir Macedo e R.R. Soares, originários daquela igreja. (PROENÇA, 2006, p. 134).

Estes e outros grupos pentecostais e neopentecostais brasileiros surgiram a partir da “renovação carismática” que ocorreu nos Estados Unidos nos anos 1960, tanto nas igrejas protestantes históricas quanto na Igreja Católica Romana. Esse movimento de renovação provocou divisões nas denominações tradicionais, especialmente pela prática de culto e de crenças, originando a Igreja Batista Nacional, da Igreja Metodista Wesleyana e da Igreja Presbiteriana Renovada. Mas o neopentecostalismo brasileiro tem como expressão mais excêntrica a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que apresenta algumas particularidades cujo formato religioso provoca “profundas rupturas com o pentecostalismo clássico e muito mais ainda com o protestantismo histórico” (MATOS, 2006, p. 44).

Proença (2006, p. 135) também considera que o neopentecostalismo da terceira onda apresenta ainda certas ênfases das denominações pentecostais, mas acrescenta alguns elementos inovadores, como o “poder da oração”, constituindo-se em um ramo qualitativamente diferente das demais denominações pentecostais.

Falando especificamente da IURD, este autor salienta que esta mantém algumas práticas dos segmentos pentecostais que a antecederam, porém, implementou mudanças em dimensão e profundidade jamais vistas, tornando-se um tipo de igreja evangélica inédito no Brasil, com um perfil próprio distintivo do campo evangélico. Para ele, “a IURD se diferencia do protestantismo e do pentecostalismo clássico, assim como promove um dinâmico processo de apropriação e ressignificação das expressões de fé arraigadas nas crenças afro-brasileiras e no catolicismo de devoção mais folclórica” (PROENÇA, 2006, p. 151).

As diferenças mais relevantes entre a IURD e igrejas neopentecostais e as demais igrejas pentecostais e protestantes em geral, está no uso de dramaturgia, de manipulação de objetos considerados sagrados, que tornam o pastor um ator, um dramaturgo que provoca atitudes, reações e mudanças nos seus ouvintes, por meio de sua voz, de seus gestos e palavras (CAMPOS, 1997).

Esse formato de culto e estratégia de pregação remete ao sincretismo, a um espectro denso de magia, a uma pregação voltada a atender às necessidades pessoais dos fiéis, não à sua conversão, como destaca Matos (2006, p. 45):

Esse fenômeno [...] tem como proposta religiosa básica o trinômio cura-exorcismo-prosperidade. Diante das realidades de sofrimento e alienação que caracterizam a sociedade moderna, principalmente nos grandes centros urbanos, essas igrejas oferecem espaços de



solidariedade e acolhimento, gerando um forte senso de dignidade entre os seus participantes. Por outro lado, elas revelam uma clara tendência para práticas sincréticas e mágicas, tais como a utilização crescente de objetos e rituais como mediação do sagrado, a adoção do vocabulário e práticas da religiosidade popular brasileira e o uso da Bíblia apenas como um instrumento para a solução de problemas.

A questão do imaginário popular e do sincretismo é analisado por Proença (2008, p. 34), o qual destaca o seguinte:

Toda sociedade é ao mesmo tempo produtora e produto de seus imaginários, sendo eles responsáveis por estabelecer pontes em tempos diferentes, cujas representações orientam o comportamento coletivo. [...] É possível dizer que os imaginários religiosos que afloram no atual contexto urbano brasileiro têm suas raízes fincadas em práticas e crenças de longa duração histórica.

Nesse sentido, as práticas sincréticas ligadas ao imaginário popular, as quais são atualmente mais visíveis nas igrejas neopentecostais e na IURD, eram percebidas já na expansão católica no Brasil e no continente latino-americano, que mesclava a cultura religiosa popular com a estrutura religiosa cristã.

Assim, pode-se afirmar que, se o protestantismo popular resistiu ao sincretismo, no pentecostalismo existem formas claras dessa prática já engajada na presença católica e nos cultos afro-brasileiros, demonstrando que a região “sempre teve uma estrutura religiosa sincrética de um modo peculiar [...]. Encontros religiosos aqui se deram de uma maneira mais aberta, explícita, culturas se influenciando, se misturando e interpenetrando” (MACEDO, 2008, p. 7).

O que se observa, portanto, é que, assim como existem as diferenças entre o catolicismo, o protestantismo e o pentecostalismo, também há semelhanças entre estas e as denominações neopentecostais. De modo mais acentuado se observa a semelhança entre as práticas sincréticas do catolicismo e do neopentecostalismo.

Essa semelhança foi destacada por Mariz e Souza (2015, p. 383), que consideram haver, desde os anos de 1980, no contexto cristão internacional e brasileiro, uma “era pentecostal/carismática” que permeia os cultos católicos e neopentecostais e se expandem rapidamente nas diversas formas que o Cristianismo tem adotado. Afirmam estes autores que o mesmo tipo de espiritualidade é percebido em ambas as igrejas, no movimento de RCC e no pentecostalismo, onde existem similaridades, especialmente, nos aspectos sociológicos, em torno do ecumenismo, o

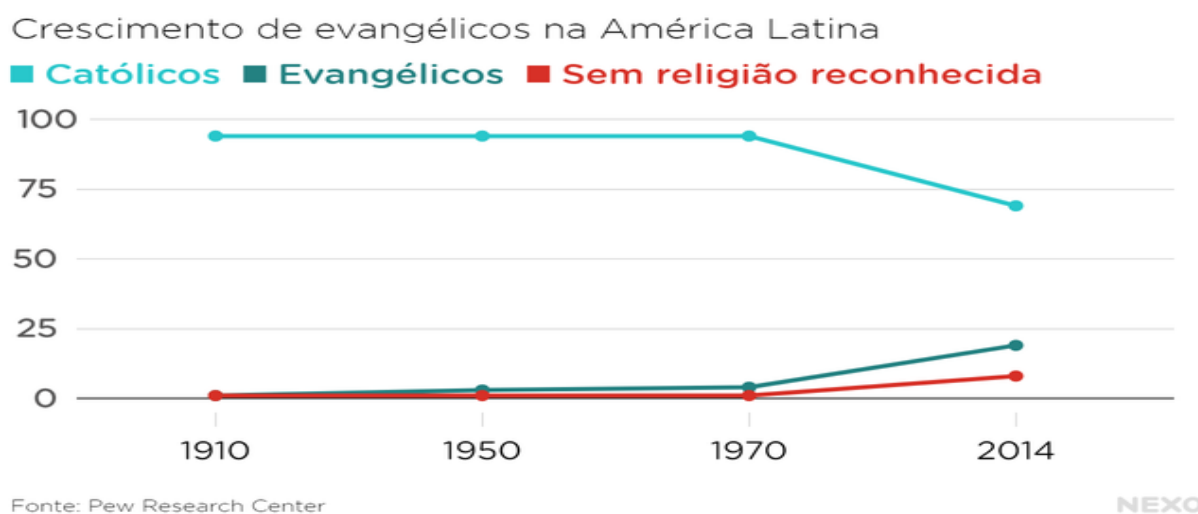
que leva a refletir sobre a proposta ecumênica de criar um “campo cristão mais pentecostalizado e carismatizado”.

Para estes autores, a análise desse tipo de reflexão sobre ecumenismo e pentecostalismo contribui para entender os limites e interesses, ideais ou materiais, existentes no que eles chamam de “teoria do mercado religioso”, cujas estratégias de apresentar o Cristianismo diferem dos métodos tradicionais das igrejas históricas.

No caso específico dos neopentecostais, essas estratégias são destacadas por Leite Filho (1990, apud XAVIER, 2011), cuja análise indica que o neopentecostalismo em geral utiliza metodologias para conquista de adeptos moldadas na coação física e pressão psicológica, no uso das dificuldades pessoais, como miséria e ignorância, na oferta de benefícios materiais, motivação política, promessas de curas físicas, entre outras coisas. A maioria destas denominações apresenta falta de formação acadêmica, egocentrismo e ambição de seus líderes.

Apesar disso, o movimento carismático e o movimento pentecostal são os que mais crescem na América Latina e na África, segundo Mariz e Souza (2015). Os evangélicos neopentecostais também cresceram no Brasil, consolidando-se social e politicamente em território brasileiro e latino-americano, conforme informações de Pablo Semán, da Revista Nueva Sociedad (2019, apud FABIO, 2019).

O crescimento de grupos evangélicos gerados a partir do fenômeno neopentecostal é destacado na Figura abaixo:



**Figura 1** – Crescimento de grupos evangélicos neopentecostais na América Latina.

Fonte: Fabio (2019).

Essas informações são corroboradas pela Imprensa CNBB (2017), que relata o crescimento dos evangélicos de origem pentecostal. Segundo o instituto *Pew Research*, as principais tradições cristãs no mundo são: católica, com 51,4% dos fiéis; evangélicos, com 36%; e ortodoxos, com 12,6%. O Brasil figura como um dos maiores países cristãos do planeta (175 milhões de seguidores de Cristo), atrás dos Estados Unidos (246 milhões) e à frente do México (107 milhões). No censo do IBGE de 2010, os católicos no Brasil somavam 73,6% da população, com cerca de 133 milhões de fiéis, mas os evangélicos tiveram um crescimento de 26,2 milhões nos anos 1980 para 42 milhões sendo que os pentecostais somam 60%, os protestantes missionários 18,5% e tradições diversas (neopentecostais) 21,8%.

A partir dessas informações é possível analisar quais as influências e implicações que o Pentecostalismo trouxe ao Brasil e ao continente latino-americano, especialmente a partir do neopentecostalismo, este último considerado por Mariano (2012) e por Proença (2006; 2010) como um segmento controverso na história do Cristianismo.

### **2.3 Influência do Pentecostalismo no Brasil e na América Latina**

O Pentecostalismo, de modo geral, está inserido em todas as camadas sociais, deixando de ser a religião dos pobres para pobres, fortalecendo-se em todas as áreas. Especialmente a partir da terceira onda, a neopentecostal, esse segmento protestante passou a exercer maior influência na sociedade brasileira. Desse modo, “a igreja que iniciou pelas classes mais humildes hoje é formada por pessoas de diferentes classes sociais e profissões, como: líderes comunitários, políticos, magistrados, militares, profissionais liberais, entre outros” (XAVIER, 2021, p. 31).

Algumas práticas do Pentecostalismo que causaram mudanças relevantes na sociedade brasileira e latino-americana são destacadas por Barro (2006) o qual analisa as contribuições do pentecostalismo e do neopentecostalismo para a missão da Igreja cristã. Para ele o Pentecostalismo tem atraído multidões aos seus templos por usar de estratégias que diferem dos protestantes tradicionais, como o uso de instrumentos musicais diversos do piano e o órgão, característicos das igrejas protestantes clássicas, o que atrai, principalmente, os jovens.

Além disso, a disposição para evangelizar e a facilidade para estabelecer igrejas, baseadas na livre interpretação das doutrinas bíblicas, que eles entendem de

forma literal e baseada, quase sempre, na palavra do pastor, raramente questionada em razão do sistema de governo adotado pelas igrejas pentecostais e neopentecostais, onde o pastor reina absoluto.

A inserção das camadas pentecostais e neopentecostais na política brasileira também se destaca, Segundo Campos (2005, p. 113), a IURD é “um dos ramos pentecostais [...] mais sincréticos, dinâmicos e visíveis no espaço social”, tanto na mídia quanto na política, sendo considerada como o segmento que mais se adapta ao “contexto de globalização e internacionalização da cultura e da economia”.

Entretanto, se destacam também algumas implicações negativas quanto à questão missionária, de evangelização e expansão das práticas cristãs, doutrinariamente falando. Em vista de sua participação na sociedade brasileira e latino-americana, pode-se dizer que as contribuições do neopentecostalismo ao Cristianismo estão no estilo de culto que os mesmos criaram, incluindo a todas as pessoas, de qualquer classe social, etnia e condição financeira. Sua forma de evangelizar demonstra falta de comprometimento com a totalidade do Evangelho, pois enfatiza os dons espirituais, mas não a obediência aos mandamentos de Deus e incentiva a liberdade de crença baseada em resultados pessoais (XAVIER, 2007).

Algumas das preocupações destacadas por Padilla (2005) são sintetizadas por Xavier (2007) e estão relacionadas com a falta de comprometimento com a totalidade do Evangelho e com a pureza doutrinária e teológica expressa na Palavra de Deus. O autor destaca que o Evangelho tem o poder de transformar e vivificar e, em consequência, o cristão é levado a se comprometer com os princípios expressos nas Escrituras. Da forma como o pentecostalismo moderno tem tratado o evangelismo como algo comum, Padilla considera, nesse caso, que o mundo cristão atual está “mais batizado do que evangelizado”, o que implica em que há grande crescimento numérico, mas pouca ênfase ao disciplinado, à conversão à “fé que uma vez foi entregue aos santos” (XAVIER, 2007, p. 33).

Xavier (2007) ainda questiona a defesa do ecumenismo, de modo que todos os grupos pentecostais estão unidos em torno do batismo do Espírito Santo, sem que lhes seja requerida uma vida de obediência a Deus conforme a Sua Palavra, e sim, nos moldes de obediência financeira, crença esta relacionada ao desejo de sucesso pessoal e financeiro (que remete à Teologia da Prosperidade).

Esses grupos pentecostais enfatizam os dons espirituais de resultados visíveis e sensíveis, pelo êxtase, por milagres, pelo falar em línguas; os neopentecostais,

principalmente, incentivam esforços em buscar a segunda bênção, evidente no falar em línguas, desconsiderando os demais dons que o Espírito Santo distribui como lhe convém aos que creem. Incentiva-se no neopentecostalismo o emocionalismo, a experiência mística, o estímulo do sentimento, por meio de um louvor extasiante e manifestações frenéticas que chamam de batismo no Espírito Santo, mas que carecem de fundamento bíblico em sua forma de expressão.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Pentecostalismo surgiu a partir do Protestantismo, como um movimento dinâmico, dotado de capacidade para se expandir e levar o Evangelho às camadas mais pobres e sensíveis da população, fato este que justificou seu crescimento no Brasil e na América Latina, onde produziu impacto na sociedade, em diversas áreas.

Contudo, suas práticas religiosas têm demonstrado uma teologia voltada a atender às necessidades pessoais individualistas, com baixa preocupação com a conversão das almas e mudança de vida conforme escrito na Bíblia, e sim, com a busca de dons espirituais, com a bênção da prosperidade material, mostrando-se permissivo com usos e costumes que se afastam dos ensinamentos tradicionais.

A história do Pentecostalismo mostra que esse segmento do Protestantismo assumiu, ao longo do século XX, semelhanças com o Catolicismo, com a Umbanda, com o Espiritismo, e outras formas religiosas, ao emergir do Neopentecostalismo, um de seus ramos modernos. Apesar da miscigenação encontrada nessa forma religiosa moderna, o Neopentecostalismo é considerado como parte do Cristianismo.

Na perspectiva apontada, portanto, percebe-se que o crescimento do número de evangélicos está alavancado na terceira onda, mas que esta, ao mesmo tempo em que prega o combate contra o mal e os demônios também barganha a fé e as doutrinas bíblicas, afirmando que basta aceitar Jesus para resolver todos os problemas do indivíduo. Essa percepção demonstra que, ainda, o maior desafio do Brasil e da América Latina é o discipulado, a conversão dos que se dizem cristãos.

### REFERÊNCIAS

ALENCAR, G.de. Grupos protestantes e engajamento social: uma análise dos discursos e ações de coletivos evangélicos progressistas. **Religião e Sociedade**, v. 39, n. 3, set./dez. 2019.

BARRO, A.C. Pentecostalismo e neopentecostalismo no Brasil: novas forças motoras para a missão da igreja? In KOHL, M.W.; BARRO, A.C.. **Missão integral transformadora**. 2. ed. Londrina: Descoberta, 2006.

BONINO, J.M. **Rostos do protestantismo latino-americano**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

CAMPOS, L.S. **Teatro, templo e mercado**. Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. São Paulo/Petrópolis: Umesp/Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **REVISTA USP**, São Paulo, n.67, p. 100-115, set./nov., 2005.

FABIO, A.C. O fortalecimento evangélico no Brasil e na América Latina. **Nexo Jornal**, 13 de jul de 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/07/13/...> Acesso em: 10 out. 2022.

FRESTON, P. Pentecostalism in latin america. **Social Compass**. Louvain: Groupe de Sciences Sociales des Religions, v. 45, n 3, p. 33, 1998.

IMPrensa CNBB. **Cristãos no mundo**: 2,18 bilhões de pessoas dizem professar a fé cristã segundo instituto. 2017. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/cristaos-no-mundo-7-bilhoes-de-pessoa-dizem-professar-a-fe-crista-segundo-instituto-de-pesquisa-pew-research/>. Acesso em: 10 out. 2022.

MACEDO, E.U. Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético. **Ágora**, Vitória, n. 7, p.14-20, 2008.

MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MARIZ, C.L.; SOUZA, C.H. Carismáticos e pentecostais: os limites das trocas ecumênicas. **Contemporânea**, v. 5, n. 2, p. 381-408, jul./dez. 2015.

MATOS, A.S.de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. **Fides Reformata XI**, n. 2, p. 23-50, 2006.

MENDONÇA, A.G. **Protestantes, pentecostais & ecumênicos**: o campo religioso e seus personagens. São Bernardo do Campo: Umesp, 2008.

PADILLA, C.R. **Missão integral**. 2. ed. Londrina, PR: Descoberta, 2005.

PROENÇA, W.deL. **Sindicato de mágicos**: uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2006). Tese (Doutorado). Assis: UNESP – Universidade Estadual Paulista, 2006.

\_\_\_\_\_. Procedimentos historiográficos para análise do contexto religioso brasileiro. In: MUZIO, R.R. (Org.). **Revolução silenciosa III**. Brasília: Palavra, 2008.

\_\_\_\_\_. Da ascese aos bens do mundo ao anseio por um mundo de bens: representações da pobreza e da riqueza nas práticas do pentecostalismo brasileiro. In: BENATTE, A.P.; OLIVA, A. (Orgs.). **100 Anos de Pentecostes**. Capítulos da história do pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

WIKIPEDIA. **Protestantismo**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/>. Acesso em: 10 out. 2022.

XAVIER, E, T. Protestantismo popular na América Latina: análise da história, contribuições e implicações. **Kerigma**, a. 3, n. 2, p.21-40, 2º sem. 2007.

\_\_\_\_\_. **Teologia de missão integral**. Londrina, PR: Descoberta, 2011.

\_\_\_\_\_. **A teologia do batismo no Espírito Santo**: análise da doutrina assembleiana à luz da Bíblia e da história. Rio de Janeiro: Letras e Versos: 2021.

**Capítulo 6**  
**FOTOGRAFIAS E MEMÓRIAS: O TESTEMUNHO OCULAR**  
**DE CRISTINO VARÃO EM PICOS-PI**

**Mikaelly Nagyla da Silva Santos**

**Mayara Sousa Ferreira**



## FOTOGRAFIAS E MEMÓRIAS: O TESTEMUNHO OCULAR DE CRISTINO VARÃO EM PICOS-PI

**Mikaelly Nagyla da Silva Santos**

*Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), membro e diretora da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (JOEME).*

*mikaellysantos@alunouespi.br*

**Mayara Sousa Ferreira**

*Professora efetiva da UESPI e coordenadora da Liga JOEME. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Mestre em Comunicação pela mesma instituição. Graduada em Comunicação Social, com habilitação em*

*Jornalismo pela UESPI*

*mayarasousa@pcs.uespi.br*

**Resumo:** Fotografias podem apresentar vestígios de memória para a história, por serem testemunhas oculares de um tempo e de um espaço (BURKE, 2004). Sendo assim, o presente artigo propõe uma reflexão sobre fotografias da década de 1960/1970, como fontes memorialísticas, a partir de uma análise fotodocumental da iconografia do fotógrafo de Picos-PI, Cristino Varão. O objeto a ser analisado se trata de um acervo online intitulado “Foto Varão - Memórias” disponibilizado em página do Facebook, com registros do referido fotógrafo. Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar fotografias documentais de Cristino Varão como testemunha ocular de seu tempo, a partir dos vestígios de memória. Como forma de embasar teórico-metodologicamente, a pesquisa se dá interligada aos estudos de Peter Burke (2004), tendo como metodologia de tratamento dessas imagens a análise de conteúdo categorial de Laurence Bardin (2016). A partir da pesquisa observam-se vestígios de memória presentes na iconografia de Varão, pois são registros que vão desde a urbanização, a fotografias de eventos da cidade de Picos/PI, constando o material como fonte memorialística e historiográfica da cidade.

**Palavras-chave:** Fotografia, Cristino Varão, Memória, História

**Abstract:** Photographs can present memory traces for history, as they are eyewitnesses of a time and a space (BURKE, 2004). Therefore, this article proposes a reflection on photographs from the 60s/70s, as memorialistic sources, based on a photodocumentary analysis of the photographer iconography from Picos-PI, Cristino Varão. The object to be analyzed is an online collection entitled “Foto Varão - Memórias” available on a Facebook page, with aforementioned photographer records. Thus, the work objective is to analyze Cristino Varão’s documentary photographs as

an eyewitness of his time, from the memory traces. As a theoretical-methodological basis, the research is linked to the Peter Burke studies (2004), using Laurence Bardin's (2016) categorical content analysis as a methodology for treating these images. From the research, memory traces present in the Varão's iconography are observed, as they are records that range from urbanization, to events photographs in the Picos city - PI, with the material as a memorialistic and historiographical source of the city.

**Keywords:** Photography, Cristino Varão, Memory, History.

## INTRODUÇÃO

Algumas sociedades apontam para uma preocupação em registrar o tempo e construir vestígios de memória que falem do presente, mas que possam perdurar no futuro sobre o passado. Civilizações antigas já faziam uso da pintura para retratar vivências, a exemplo as pinturas rupestres encontradas e conservadas em sítios arqueológicos. Mais recentemente, nas primeiras décadas do século XX, com o surgimento da fotografia (SOUSA, 2002), esse meio passou a ser visto como possibilidade de manutenção de restos de memória de comunidades em seus tempos.

Com os anos, a fotografia passou a ocupar espaços, como o da ciência, configurando-se objeto de estudo das ciências sociais e humanas, de forma interdisciplinar. Segundo Burke (2004), as imagens podem ser consideradas testemunhas oculares, logo, podem registrar, expressar, transformar, descrever e ainda evocar memórias e, por esse motivo, fotografias podem ser consideradas como elementos de memória.

Com base nessa proposição, este artigo propõe uma discussão sobre como as fotografias podem ser instrumentos de memória e para a história. Para tanto, tomamos como objeto, o testemunho ocular de Cristino Varão, fotógrafo de Picos, Piauí, cujo acervo está disponível de forma pública na internet. Então, o objetivo é analisar fotografias documentais de Cristino Varão como testemunha ocular de seu tempo, a partir dos vestígios de memória.

Para respondê-lo, a metodologia utilizada se baseia no conceito e método de testemunho ocular de Burke (2004). Como técnica de tratamento dessas imagens, utilizamos a análise de conteúdo categorial de Bardin (2016). As fotografias estão disponíveis na página do Facebook "Foto Varão - Memórias"<sup>3</sup> de fácil acesso na internet. Na pesquisa, foram catalogadas 215 imagens, separadas em categorias

---

<sup>3</sup> O acervo de Cristino Varão disponível na internet por iniciativa de sua filha, Cristina Varão, pode ser encontrado no endereço: [www.facebook.com/fotovaraomemorias](http://www.facebook.com/fotovaraomemorias).

temáticas, nomeadas de Lugares, Eventos e Pessoas, conforme o conteúdo tabulado, apresentando os principais temas registrados nas fotografias.

O trabalho é um recorte de uma pesquisa maior em andamento, vinculada ao PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) junto à UESPI (Universidade Estadual do Piauí), qual seja: *NARRATIVAS DE CRISTINO VARÃO: memórias iconográficas da cidade de Picos e do fotojornalismo do Piauí.*

## **O TESTEMUNHO OCULAR DE CRISTINO VARÃO**

A fotografia surge por volta do século XIX, após o experimento da câmara escura, que funciona basicamente assim: os raios luminosos entram por um orifício estreito de uma câmara escura projetam, na parte oposta, a imagem dos objetos exteriores, um pouco à semelhança do que acontece no nosso olho (SOUSA, 2002).

O ato de fotografar é entendido como algo simples, qualquer indivíduo com um simples aparelho fotográfico é capaz de fotografar inúmeros espaços e tempos. O que muitos leigos não sabem, é que existe toda uma logística para que uma foto represente o momento registrado.

Para isso, há dois princípios básicos que fundamentam a fotografia, sendo eles o princípio da "câmara escura" e o da "fotossensibilidade", como aponta Sousa (2002). O autor explica a câmara escura à semelhança do que acontece no olho humano, em que raios de luminosidade entram por um orifício estreito de uma câmara escura e projetam na parte oposta a imagem dos objetos exteriores.

Para a fotossensibilidade, Sousa (2002) faz analogia ao corpo exposto por dias no sol em uma praia, o corpo ficará com marcas de biquíni. Entendendo a base do ato fotográfico, que é o de captar a luz e como ela pode favorecer a foto e ainda a capacidade de armazenamento presente em máquinas fotográficas que devidamente equipada preservam imagens e tempos.

[...] a fotografia tradicional (analógica) é possível devido aos fenômenos decorrentes do comportamento da luz numa câmara escura e da fotossensibilidade de alguns materiais, ou seja, da propriedade que alguns materiais apresentam de se alterar por exposição à luz, tal como acontece com a pele, que escurece quando é exposta à luz (SOUSA, 2002, p. 37).

A fotografia por muito tempo foi encarada como princípio de verdade e do real, como aponta Sousa (2002). Com os desenvolvimentos tecnológicos e as

possibilidades de manipulação esse conceito foi descartado. As fotografias passaram a ser cada vez mais utilizadas pelas sociedades, tornando o fazer fotográfico de grande importância nas ciências sociais e humanas. Burke (2004) afirma que historiadores tem feito uso de pinturas, impressos e de fotografias como forma de possibilitar que seus leitores imaginem a antiga aparência de cidades.

O acervo online “Foto Varão - Memórias”, base da nossa pesquisa, conserva o trabalho desenvolvido pelo fotógrafo Cristino Varão nas décadas de 1960 e 1970. No acervo, foram quantificadas cerca de 215 fotografias, sendo identificadas três categorias que abrangem subcategorias distribuídas conforme temática. As fotografias analisadas apresentam um trabalho profissional, isso em uma época em que a profissão era pouco difundida e com equipamentos rudimentares, muito distantes dos atuais, que dispõem de tantos recursos tecnológicos para o fazer fotográfico.

Qualquer usuário que consiga ter acesso ao acervo online, mesmo sem nenhum entendimento sobre a fotografia, observa as abordagens predominantes e o seu papel como fotojornalista, logo são muitos registros em eventos, datas comemorativas e etc.

Nascido em 1917 em Picos-PI, Cristino Saraiva Varão foi pioneiro no ramo da fotografia na cidade de Picos (BARROSO, 2015). Sua obra carrega traços de uma Picos antiga, mas que reflete no presente, o cotidiano, a arquitetura e a cultura picoense foram registradas pelas lentes de Varão. Cristina Varão, filha e arquivista de sua obra, relembra em crônica escrita postumamente, momentos que viveu com seu pai e o mundo da fotografia.

[...] acima de todas , a sua marca maior é mesmo a fotografia. Quando lembro o meu pai, ele está sempre com a sua câmera Rolleiflex pendurada no pescoço, quer seja quando trabalhando ou não, era como se a máquina estivesse a postos para um clique que pudesse surgir em especial de algum momento, isso até em nossa casa em família. Fomos muito fotografados, todos nós filhos, temos muitas imagens de nosso cotidiano, nossos momentos em nossa querida e pequenina Picos de outrora (VARÃO, 2009).

Em uma única foto é possível ter inúmeras interpretações, o leitor é quem absorve o que agrada aos olhos, causas que tornam a fotografia complexa e instigante. No fotojornalismo, a fotografia compõe um conjunto de especificações que devem conversar entre si e atingir o leitor com a mensagem correta.

Sousa (2002) destaca que qualquer fotografia, podendo ser ícone e até tornar-se símbolo, é, antes de mais, um indício ou índice da realidade, já que dá pistas para a realidade em que foi obtida e para a realidade que representa. É de realçar que o emprego da palavra "representa" é intencional, pois uma fotografia não é nunca o espelho da realidade. Pode representar a realidade, mas não a espelhar.

Fotografias podem descrever ao mesmo ponto que conseguem ocultar um fato, uma história. Barthes (1984) coloca a fotografia como inclassificável porque não há qualquer razão para marcar tal ou tal de suas ocorrências. O autor propõe uma reflexão que aponta a fotografia como inclassificável, mas se não existe uma razão para sua ocorrência, fotografias seriam involuntárias e executadas no automático? Mas será que as imagens não guardam vestígios de memória, ou a história de uma cidade, de um período. Sendo assim, as fotografias podem ser classificáveis e serem consequência de um ponto de vista ou da simples preocupação em registrar momentos.

Muitos estudos tratam da fotografia como fonte documental da história, tendo a imagem fotográfica como espelho da realidade. Para esse conceito Burke (2004) problematiza a fotografia e o estudo sobre ela, e questiona até que ponto pode-se confiar nessas imagens. Com efeito, é possível que nosso senso de conhecimento histórico tenha sido transformado pela fotografia (BURKE, 2004).

Para a construção memorialística e histórica fazemos apelos as testemunhas como aponta Halbwachs (1990), fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras. Existem muitos questionamentos sobre a veracidade de imagens, no que entendemos do testemunho ocular de Cristino Varão, sua ideia foi tentar retratar a realidade vivida por ele naquela época, principalmente quando sua iconografia traz a vida cotidiana da cidade de Picos. Fato que caracteriza seu trabalho fotodocumental e testemunhal.

[...] de qualquer forma, a seleção de temas e até de poses das primeiras fotografias frequentemente seguiam o modelo das pinturas, gravuras em madeiras e entalhes, ao passo que fotografias mais recentes aludem às mais antigas. A textura da fotografia também transmite uma mensagem (BURKE, 2004, p. 27).

Imagens são resquícios do passado vívidos e retratados por alguém, com as fotografias esse passado torna-se mais vivido e presente. O acervo, “Foto Varão - Memórias” a partir de suas imagens traz muitas memórias de épocas passadas, de uma Picos antiga, e que através dessas fotografias permanecem vivas na memória coletiva. Como aponta Halbwachs (1990), quando retornamos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro em que muitas partes estavam esquecidas.

O testemunho de Cristino Varão consagra um trabalho fotodocumental que possibilita a conservação de memórias coletivas e amplia o estudo da história da cidade Picos/PI por outras perspectivas. As fotografias de Varão fornecem um material ímpar para o estudo da sociedade picoense das décadas de 60/70, pois consegue retratar a cidade, os eventos e datas importantes que ficaram na memória dos picoenses e que a partir do testemunho de Cristino podem ser revisitadas. Assim, vamos identificar temas recorrentes nessas fotografias e como elas podem ser vestígios de memórias.

### **TEMAS RECORRENTES NAS FOTOS: vestígios de memória**

O acervo online de Varão é organizado em álbuns, com nomes que direcionam ao conteúdo que será encontrado. Consideramos um acervo grande para o meio online, além do mais, essa forma de organização facilita a experiência do usuário. As fotografias apontam que seu autor era alguém que gostava de fotografar o cotidiano, em todos os álbuns são retratadas fotos da vida urbana, assim como antigos prédios, as preservações arquitetônicas são temas recorrentes de sua iconografia.

Para a pesquisa, foi realizada uma categorização com base no material fornecido no acervo online. Assim, iremos tratar de categorias e subcategorias. As categorias seriam agrupamentos maiores que englobam as subcategorias. Os grupos categóricos estão classificados em *Lugares*, *Eventos* e *Pessoas*. Na categoria **Lugares** localizam-se os álbuns de *Picos nos anos 1960 e 1970*, *Picos antiga* e *Áreas Urbanas*. Na de **Eventos** estão os álbuns *Primeira Eucaristia*, *Coação de Grau*, *Sete de Setembro* e *Feiras Culturais*. E por fim na categoria **Pessoas** está o álbum *Fotos de Estúdio*.

Na primeira categoria identificada, **Lugares**, foram catalogadas 110 fotografias, sendo em sua maioria imagens urbanas da cidade Picos, de patrimônios históricos, com forte presença também da vegetação predominante da época. Um percentual de

70% são de fotografias das ruas e das paisagens urbanas, tendo pouca presença humana, embora nessa categoria também exista a presença de registros principalmente da juventude em paisagens e pontos turísticos da cidade ou até mesmo nas ruas.

Burke (2004) entende que historiadores urbanos frequentemente utilizam pinturas, impressos e fotografias para imaginar e possibilitar que seus leitores imaginem a antiga aparência das cidades. Sendo assim, um tema predominante na iconografia de Cristino Varão, revelando vestígios memorialísticos de paisagens urbanas de Picos-PI.

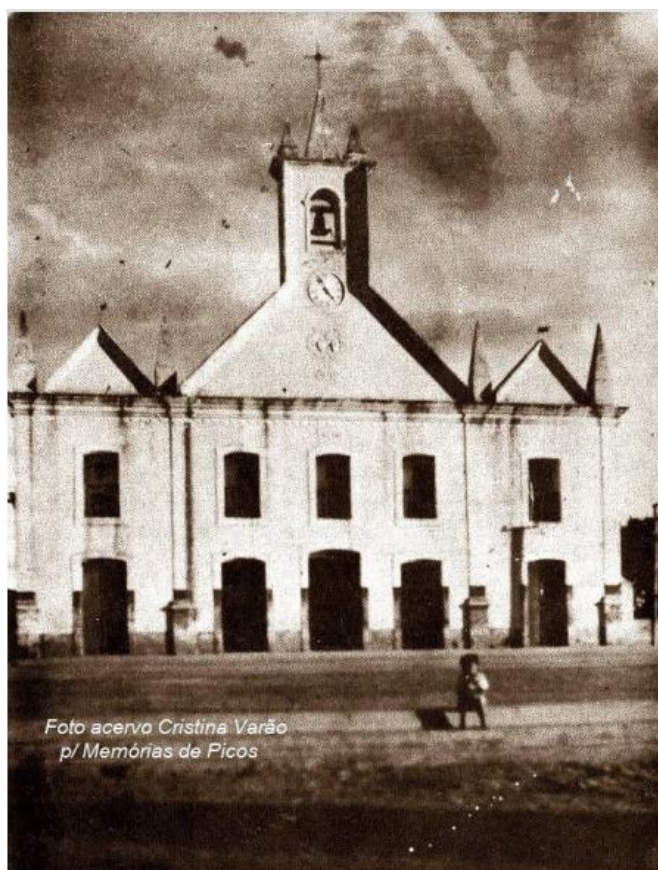
Por ser um acervo grande, trabalhamos com categorias e subcategorias, com o objetivo de facilitar a categorização das imagens do acervo. Assim, a divisão em categorias e subcategorias parte da necessidade de organização do material de modo que abarque todo o conteúdo disponibilizado. As subcategorias surgiram conforme a organização de álbuns disponíveis no acervo. Na categoria **Lugares** identificamos três subcategorias, sendo elas: *Picos anos 60/70*, *Picos antigo* e, por fim, *Áreas urbanas*.



Fotografia 1: Centro histórico de Picos. Fonte: Foto Varão Memórias (2015)

O álbum *Picos anos 60/70* conta com 54 fotografias distribuídas aleatoriamente sem organização por temática, mas notamos a presença frequente de imagens de paisagens e de patrimônios significativos para a cidade. Como podemos observar na fotografia 1 mostrada acima.

No álbum *Picos Antigo*, que também está enquadrado na categoria Lugares, identificamos muitas fotografias de pontos de referência para a cidade, como igrejas e praças. O álbum se subdivide em fotos de pessoas e lugares, pois há registros de pessoas em espaços históricos e em eventos. Assim como identificada na fotografia 2 que segue abaixo.



Fotografia 2: Igreja matriz de Picos. Fonte: Foto Varão - Memórias (2016a)

Na fotografia seguinte (fotografia 3) trata-se de um registro do Desfile de 7 de setembro na cidade de Picos, a fotografia retrata uma das principais ruas da cidade em dia de evento. A partir dela, temos contato com aspectos memorialísticos acerca do Centro de Picos, na segunda metade do século XX, uma vez que a imagem é descritiva.

Halbwachs (1990) conta que mesmo que o indivíduo não esteja presente em um determinado momento, bastaria que tivesse acesso sobre descrições de uma cidade, com vários pontos de vistas que ainda assim conheceria ângulos dela. Os aspectos memorialísticos presentes na fotografia se encontram quando Varão registra um momento histórico para a cidade e executa um papel de historiador da fotografia



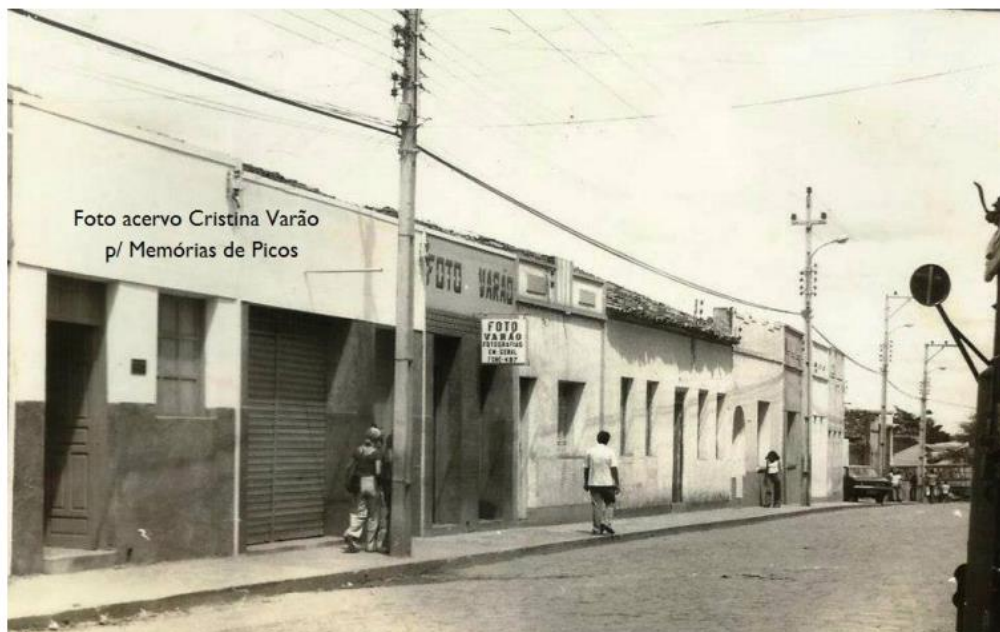
picoense em períodos passados. Como citado, o álbum também conta com o registro de pessoas, seja em eventos ou pelas ruas da cidade como segue na fotografia.



Fotografia 3: desfile de 7 de Setembro. Fonte: Foto Varão - Memórias (2016b)

Finalizando a primeira categoria, temos o álbum *Áreas Urbanas*, que contabiliza 20 fotografias, sendo elas principalmente de ruas da cidade com a presença de pessoas ou não. Varão realizou muitos registros urbanísticos da cidade de Picos, a época retratada por ele conversa com um período de revoluções nacionais e locais. A cidade de Picos/PI passava por transformações econômicas e de urbanização.

De acordo com Lima (2019), a década de 1960 foi um período de forte migração do rural para o urbano e de modificações industriais. Isso reflete com os retratos das fotografias de Varão, são muitos registros urbanos de prédios, formação mercadológica e de aquisições da cidade, configurando Cristino um arquivista da memória e história picoense. Entre os registros, os mais frequentes são imagens da Rua Cel. Luis Santos, como segue na fotografia 4.



Fotografia 4: Rua Coronel Luís Santos. Fonte: Foto Varão - Memórias (2016c)

A grande categoria Lugares acumula fotografias que retratam a estruturação picoense entre as décadas de 1960/1970. É evidente que existe uma realidade que não foi registrada, pois assim como outras fontes, desde as orais, os livros, e os impressos, a fotografia também guarda um ponto de vista sobre um lugar, um fato, logo por trás das câmeras existe um ser humano comum como qualquer outro.

Nota-se uma afeição pelo urbano na iconografia de Varão. O período retratado por ele é de forte migração entre rural e urbano, como aponta Lima (2019). Em uma época de transformações, por que só uma parte foi registrada? Varão tinha o intuito de mostrar uma Picos urbana e industrializada em detrimento das vivências do período?

Devemos considerar que as memórias são sempre seletivas, tal qual a fotografia é sempre enquadrada. Ângulos e enquadramentos falam de escolhas do fotógrafo. Sendo assim, há que se considerar que a memória pode ser parcialmente preservada de outras formas. Pollak (1989) faz uma reflexão sobre a memória subterrânea de grupos específicos.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (POLLAK, 1989, p. 8).

Na categoria **Eventos**, contabilizamos 74 fotografias sendo elas de eventos de pequeno e grande porte, como é o caso de feiras culturais, e eventos grandes como o desfile cívico de 7 de setembro. As imagens contam principalmente com pessoas, seja pelas ruas ou reunidas em socialização, como identificamos na fotografia 5 abaixo.



Fotografia 5: Feira Agropecuária de Picos. Fonte: Foto Varão - Memórias (2018)

Na categoria Eventos consta a participação de Cristino não só em eventos de proporções maiores, mas também em pequenos eventos, como comemorações católicas particulares e festas de aniversário. Fato esse que aponta para a presença de Varão na vida dos picoenses, trabalhando com a fotografia, além da cobertura de eventos de grande porte, como o desfile cívico-militar.

Por muito tempo a fotografia foi considerada espelho do real, como afirma Sousa (2002), contudo, a fotografia pode retratar uma parte da realidade, mas nunca espalhá-la. Assim, as fotografias de Varão seriam rastros de memória dos eventos que envolveram a sociedade picoense na época. Pollak (1989) aponta que existe uma produção de discursos em torno de acontecimentos e o rastro desses acontecimentos são os materiais, aqui seriam a iconografia de Cristino.

Por fim, temos a categoria **Pessoas**, que trata de fotografias em que Varão fotografa principalmente pessoas. É aqui que ele distancia um pouco da temática predominante da sua iconografia, que são ambientes urbanos e paisagens. Contabilizando 29 fotografias, todas elas realizadas em estúdio fotográfico, são frequentes imagens de crianças e jovens em datas simbólicas ou apenas como recordação de família. Assim identificadas na fotografia 6, como segue.



Fotografia 6: Lembranças de Família. Fonte: Foto Varão - Memórias (2016d)

Consideramos essa categoria como a mais distinta de todo o material analisado, pois aqui o acervo foi dedicado a fotografias em estúdio, um outro viés do papel de fotógrafo de Cristino. São imagens de ensaios fotográficos em família ou individual.

As imagens estão muito ligadas a lembranças e ao afeto nessa categoria, pois se trata de fotografias que foram projetadas para ser vestígios de memória individual e ao mesmo tempo coletivas. De acordo com Halbwachs (1990), os dois tipos de memória, individual e coletiva, são indissociáveis. Uma ou várias pessoas reunindo suas lembranças pessoais sobre determinado período, acontecimento, lugar, possam colaborar com a memória social.

Varão foi testemunha e participante da construção memorialística das recordações em família, são lembranças de caráter individual das pessoas trazidas nas fotografias como também indícios de memória coletiva, uma vez que as duas estão interligadas como vimos com Halbwachs (1990).

A partir dessa categorização, identificamos como é recorrente nas fotografias de Varão o registro de pessoas, de pontos históricos, sua presença em eventos e no cotidiano dos picoenses, em consideração a álbuns com maiores números distribuídos no acervo. Isso demonstra que Cristino Varão foi testemunha ocular de seu tempo, aponta sua presença como um grande fotógrafo da vida dos picoenses e um importante contribuinte da contextualização memorialística e histórica da cidade de Picos/PI.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As fotografias podem traçar ângulos e perspectivas diferentes, tendo um campo amplo para estudar o passado a partir de vestígios de memória preservados na iconografia. O trabalho fotodocumental realizado por Cristino Varão, e conservado por sua filha Cristina Varão em espaço online nomeado de “Foto Varão - Memórias”, contribui para a construção social e cultural da vida dos picoenses.

Então, pensando na importância desse material para futuras pesquisas, buscamos fazer uma análise aprofundada da sua iconografia, e como ela pode contribuir para a história e memória da cidade de Picos. A partir da construção desse material, entendemos que as fotografias realizadas por Cristino Varão, e hoje conservadas por Cristina Varão, são fontes de história e de memória da cidade de Picos, e a presença desse material na internet, facilita a acessibilidade para o público geral, de modo que possam se identificar com as imagens, e ainda rememorar lugares e tempos por meio da fotografia.

A fotografia no campo da história, mesmo sendo muito utilizada para retratar espaços e tempos, ainda sofre por alguns prejulgamentos, de não ser fiel às cenas tratadas. Reconhecemos que se tratam de enquadramentos subjetivos. Tem sempre o olhar de quem o registrou, é claro, contudo, não invalida como fonte documental que fala de uma sociedade, de pessoas, de um tempo.

Embora as evidências históricas tradicionais e positivistas estejam empenhadas no estudo de gerações passadas por meio da documentação oficial e escrita, a fotografia pode tornar esse viés mais interessante acompanhando o texto, sendo uma importante fonte de memória.

Por fim, pretendemos com esse trabalho fortalecer a pesquisa em fotos documentais como fonte de memória e história, de modo que outras gerações possam ter acesso a esse material e que seja expandido à comunidade. Além disso, queremos

que outras pesquisas sejam realizadas tomando a fotografia como testemunha ocular, a partir de enfoques diferentes.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARTHES, R. **A câmera clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARROSO, L. A fotografia como fonte histórica: a cidade de Picos/PI nas lentes do fotógrafo Cristino Varão. **Olhares Múltiplos**, João Pessoa, p. (110-127), 2015. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/> Acesso em: 31 Outubro 2021.

BURKE, P. **Testemunha ocular**: história e imagem. Tradução de Vera Mara Xavier dos Santos. São Paulo: EDUSC, 2004

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Centro Histórico de Picos/A Praça Félix Pacheco e entorno , como por exemplo, paredão, bares, cinema, lojas comerciais, banco, era point da vida social Picoense**. Picos, 29 jan.2015. Facebook: Foto Varão - Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Igreja Matriz de Picos/Igreja Matriz - foi demolida no final da década de 40**. Picos, 9 out. 2016a. Facebook: Foto Varão Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Desfile 7 de setembro/ Praça do mercado - um desfile a passar onde vemos a banda e picoenses a acompanhar**. Picos, 25 mai. 2016b. Facebook: Foto Varão - Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Rua Coronel Luís Santos/Rua Cel Luis Santos - centro histórico de Picos até anos 70...Sempre uma forte emoção rever este espaço onde nasci e vivi por 17 anos**. Picos, 4 jul. 2016c. Facebook: Foto Varão - Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Feira Agropecuária de Picos/Em Feira Agropecuária de Picos ano 1968 - da esquerda para a direita Maria Lucia Luz Almeida, euzinha Cristina Varã o , Fátima Luz e Valda(in memorian)**. Picos, 15 jan. 2018. Facebook: Foto Varão Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Lembranças de família/Da esquerda para a direita, adultos, Maria Gonçalves, Ozildo Albano( in memorian), , Albanita Varão Lima,**

?, **Nuní Varão (in memorian) - da esquerda para a direita crianças, Tadeu Varão, Antonio José Varão(in memorian) Maria Lucia Luz, euzinha, Fátima Luz, Socorro Neiva e Isabel Neiva.** Picos, 5 out. 2016d. Facebook: Foto Varão Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Tradução de Laurent Léon Schaffter. 2°. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda. 1990.

LIMA, J. G. **O chão do sertão em transformação: interações espaciais e reestruturação urbano-regional piauiense.** Pós-Graduação - Concentração em Desenvolvimento Regional, UNISC, Santa Cruz do Sul, 2019.

POLLAK.M. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Tradução de Dora Rocha Flaksman, vol. 2 n. 3, Rio de Janeiro: Estudos Históricos. 1989.

VARÃO, C. **Lembranças do meu pai.** Recanto das Letras, 2009. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/homenagens/>. Acesso em: 9 Novembro 2021.

## AUTORES



**Ary Wittor Freire Miranda Angelim Agra**

Enfermeiro motivado, graduado em Enfermagem pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (2022), se especializando em Intensivismo (UTI), pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI) e Enfermagem na Atenção Primária com Ênfase na Estratégia Saúde da Família, pela DNA Pós Graduação. Atuou como enfermeiro plantonista da Unidade Mista Raimunda de Sá Barreto Cabral (UMRSBC), atualmente atua como Enfermeiro da e-SF na Unidade de Saúde do Arapuá / Parnamirim-PE. Possui vários cursos de capacitação em Docência, Saúde Mental, Oncologia, Intensivismo e outros. Reconhecido por ser cuidadoso e expressivo, por assessoria em necessidades operacionais e desenvolvimento de soluções, por implicações em humanidades e sensibilidades, e direcionar a satisfação dos clientes/pacientes. Engenhoso e bem organizado, com excelentes competências em escuta e com expertise a ensinar e servir.

**Aysa Marina Vieira da Silva**

Enfermeira, graduada pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILÃO) - (2022), se especializando em Enfermagem UTI Neonatal e Pediátrica na Universidade Integrada (UNINTEGRAS). Atualmente atua como enfermeira em estágio voluntário na Unidade de Pronto Atendimento - Unidade Covid (UPA Lagoa Seca)/ Juazeiro do Norte-CE. Possui vários cursos de capacitação em Obstetrícia, Atenção Primária e Intensivismo. Reconhecida por praticar a humanização, ter ética profissional, escuta qualificada e um bom relacionamento interpessoal.

**Cristhiano Charles de Castro Bezerra Filho**

Graduando em Medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVAF). Interessado em abordagens temáticas de clínica médica e cirurgia, de humanização em saúde, de medicina baseada em evidências, além de construção de saúde para minorias e inclusão social. Anteriormente, iniciou duas graduações, Farmácia e Enfermagem, as quais o possibilitou uma ampliação de entendimentos químicos para fármacos, de farmácia social e uso racional de medicamentos, de humanização no cuidado à saúde e de saúde enquanto multidimensional e multiprofissional.

### **Dallila Freire da Costa Agra**

Médica graduada pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Atuou como membro da Liga Acadêmica do Estudo da Dor (LAMED). Atua na Estratégia de Saúde da Família (ESF) na Unidade Básica Doutor João Moreira, assim como plantonista na Unidade Mista Raimunda de Sá Barreto Cabral (UMRSBC). Especializando-se em Nutrologia pela Ipemed. Compromissada e com expertise em ouvir e servir, reconhecida por assistência humanizada e empática, procurando sempre desenvolver boas sensibilizações e boas implicações médicas.

### **Elisandro Rafael Baumgarten**

Professor de Matemática e Física na Escola Estadual de Ensino Médio Castelo Branco (Três de Maio/RS). cursando Mestrado Profissional em Matemática na Universidade Federal da Fronteira Sul (campus Chapecó-SC), Licenciado em Matemática pela Universidade Pitágoras Unopar (2018), Especialista em Docência do Ensino Superior e Especialista em Matemática Financeira e Estatística pela Faculdade Futura (2019), Especialista em Metodologia de Ensino de Matemática e Física e Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade Dom Alberto (2022) e Técnico em Informática pelo Centro Tecnológico Frederico Jorge Logemann (2014).

### **Érico Tadeu Xavier**

Doutor em Teologia (PhD) e professor emérito do Seminário Latino-Americano de Teologia, Ivatuba, PR.

### **Gleice de Sá Agra**

Enfermeira graduada pela Fundação de Ensino Superior de Olinda (FUNESO), docente do curso de graduação em Enfermagem da Faculdade Soberana, especialista em Auditoria em Sistemas de Saúde, especialista em Neonatologia e Pediatria, atuou no PRONTO OLINDA e no HOSPITAL DOM MALAN. Proativa, disciplinada e sensibilizada.

### **Halana Cecília Vieira Pereira**

Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Hispano Guarani (2013). Especialização em Controle, Avaliação, Regulação e Auditoria(2014), Formação de Professores para o Ensino Superior(2009), Saúde Pública (2004). Graduação em

Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri (2003). Atualmente é docente no Centro Universitário Dr Leão Sampaio - UNILEÃO e na Faculdade de Medicina de Juazeiro - Estácio FMJ. Tem experiência na área de Enfermagem, com ênfase em Enfermagem de Saúde Pública, atuando principalmente nos seguintes temas: enfermagem, semiologia e semiotécnica, saúde do homem, gênero e sexualidade, Estratégia Saúde da Família - ESF.

### **Inês Trevisan**

Possui graduação em Ciências do 1o Grau pela Universidade Federal do Pará (1992), graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará (1998), mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará (2009) e doutorado em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso (2015).

### **Laena Evelyn Gaia da Silva**

Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Pará (UEPA).

### **Marlene Menezes de Souza Teixeira**

Possui Graduação em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará; 2ª Graduação em Pedagogia; Especialização em Saúde da Família pela Faculdade de Medicina do Juazeiro do Norte; Especialização em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Leão Sampaio; Especialização em Enfermagem do Trabalho pela Universidade Vale do Acaraú; Especialização em Psicopedagogia pela UNBF; Doutorado em Educação em Ciências: química da vida e saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Atualmente é professora do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio; Membro do Programa e do Comitê Gestor de Mestrado Profissional em Ensino e Saúde do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio; Membro do Comitê de Ética do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio; Membro avaliadora da Revista Interfaces: Saúde humana e tecnologia da UNILEÃO. Presidente da Liga acadêmica Saúde Integral para a Adversidade (LASID) da UNILEÃO. Membro efetivo da Universidade Regional do Cariri. Membro da Comissão de Operacionalização da Implantação do Curso de Medicina da Fundação Universidade Regional do Cariri-URCA. Membro do colegiado Geral da RENASF ? UNILEÃO. Tem experiência na área de Enfermagem em Saúde do Adulto; em Clínica Cirúrgica: em Saúde da Família,

atuando principalmente nos seguintes temas: Enfermagem do Trabalho; Saúde Pública; Saúde Coletiva; Saúde da Mulher; Gênero e sexualidade; Mulheres encarceradas; Metodologia do Ensino e da Pesquisa; Educação em Ciências; Ensino em Saúde com ênfase em: Políticas de Saúde, Currículo, Formação Profissional e Processos de Ensino e Aprendizagem em Saúde.

### **Mayara Sousa Ferreira**

Doutora em Educação e mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), onde atua como professora do curso de Jornalismo. Coordenadora da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Uespi). Realiza pesquisa e extensão nas áreas de comunicação, jornalismo, educação, história e memória.

### **Mikaelly Nagyla da Silva Santos**

Estudante de Jornalismo, na Universidade Estadual do Piauí (Uespi). Voluntária do PIBIC, na mesma instituição. Integrante da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (Uespi).

### **Rita de Cássia Souza de Albuquerque**

Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Pará (UEPA).

### **Sebastião Elias Milani**

Nasceu em 19 de janeiro de 1965. Formou-se em Letras-Línguas portuguesa e francesa na UNESP - Universidade Estadual Paulista - campus de Assis. Fez Mestrado e Doutorado em Linguística na USP - Universidade de São Paulo. É professor Titular de linguística da UFG - Universidade Federal de Goiás.

### **Yalle Ferreira Angelim**

Médica graduada pela Faculdade de Medicina de Juazeiro do Norte (ESTÁCIO-FMJ). Atuou como membro da Liga Acadêmica de Genética do Cariri (LICAGE), Liga Acadêmica de Anatomia (LAN) e Liga Acadêmica de Pediatria (LAPED), além disso foi Monitora das disciplinas de Anatomia 3 e Pediatria. Fez estágio de Cirurgia no Hospital São Camilo, pela Liga Acadêmica de Cirurgia do Cariri (LACIC), na Perícia

Forense do Estado do Ceará (PEFOCE) pela LAN, bem como na UTI da Casa de Saúde São Miguel, pela Liga Acadêmica do Aparelho Digestivo (LAAD). Participou do Projeto de Extensão Estação Estácio, o qual usava a música para melhorar a rotina de estudantes e funcionários da FMJ e do Projeto de Extensão Mãos Amigas, que levava alegria e brincadeiras para crianças em situação de internamento. Atualmente é Médica na Estratégia de Saúde da Família (ESF) na Unidade Básica Catarina de Sá Barreto Dum, no município de Terra Nova-PE, assim como plantonista na Unidade Mista Raimunda de Sá Barreto Cabral (UMRSBC), em Parnamirim-PE. Especializando-se em Pediatria pela Ipemed.

uniatual  
EDITORIA

ISBN 978-658601333-7



9 786586 013337